

**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
EM HISTÓRIA**

**RENATE MARIE DENISE COLMAN AVANZI
PORTOCARRERO**

**A CAPITÃO ENFERMEIRA VIRGÍNIA
PORTOCARRERO: UM OLHAR FEMININO NA
II GUERRA MUNDIAL (1944-1945)**

Niterói

2023

RENATE MARIE DENISE COLMAN AVANZI PORTOCARRERO

LINHA DE PESQUISA

Sociedade, movimentos populacionais e de culturas

**A CAPITÃO ENFERMEIRA VIRGÍNIA PORTOCARRERO: UM OLHAR
FEMININO NA II GUERRA MUNDIAL (1944-1945)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias

NITERÓI

2023

CIP - Catalogação na Publicação

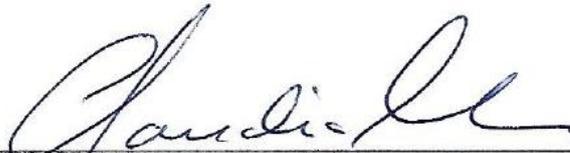
P853	Portocarrero, Renate Marie Denise Colman Avanzi. A capitão enfermeira Virgínia Portocarrero: um olhar feminino na II Guerra Mundial (1944-1945). / Renate Marie Denise Colman Avanzi Portocarrero. – Niterói, RJ, 2023.
	ix, 1-89p.; il., color. Numeração da publicação: [i] – ix, 1-89p]. Referência(s): P. 82-89. Orientadora: PhD. Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2023. 1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Narrativas pessoais. 2. Portocarrero, Virgínia Maria de Niemeyer – Força Expedicionária Brasileira (FEB) – Correspondências (1944-1945). 3. Diário de Guerra – Capitão enfermeira. I. TÍTULO. CDD 940.548181

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

RENATE MARIE DENISE COLMAN AVANZI PORTOCARRERO

**“A CAPITÃO ENFERMEIRA VIRGÍNIA PORTOCARRERO: UM OLHAR
FEMININO NA II GUERRA MUNDIAL (1944-1945).”**

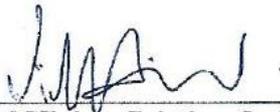
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 07 de junho de 2023 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof.ª Dr.ª Claudia Cristina de Mesquita Dias
Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof.ª Dr.ª Mary Lucy Murray Del Priore
Professora do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)



Prof.ª Dr.ª Vivian Cristina da Silva Zampa
Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB), principalmente as enfermeiras que foram guerreiras enfrentando todo tipo de adversidade, sem esmorecer no cumprimento do dever, especialmente minha tia-avó Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais que sempre se esforçaram para me dar a melhor educação possível. Agradeço também à Deus pois sem Ele nada seria possível. À Virgínia, minha tia-avó, que me inspirou a fazer este lindo trabalho. Ao meu irmão e família pelos momentos de ausência. Ao meu namorado, João, pela compreensão apoio e paciência. À minha orientadora, Prof. Doutora Cláudia Mesquita, pela paciência, compreensão com uma orientanda vinda da área da saúde e que se esforçou muito dentro do universo da história. À minha banca em nome da Prof. Doutora Mary Del Priore e Prof. Doutora Vivian Zampa que sempre foram amorosas e que com palavras de carinho e incentivo sempre me fizeram seguir em frente. À Prof. Doutora, pesquisadora e amiga Margarida Bernardes por ter me incentivado a entrar no mestrado e ter dado todo o apoio necessário. Aos colegas de mestrado da UNIVERSO principalmente Daniel Marta Roque com as indicações de livros e apoio incondicional; a Jeane Rigueti pela amizade, pelo carinho e imprescindíveis dicas para que a minha dissertação ficasse dentro dos padrões exigidos; a Denise Porto que sempre foi um “Norte” diante das minhas dificuldades; aos professores que me ensinaram o que é ser uma historiadora passando seus conhecimentos e ajudando no que era possível. À irmã que Deus me deu há muito tempo, Gisele Lobo, que foi quem me fez entender como funciona o que não é dito no mestrado com todo amor e carinho... A toda a equipe da COC FIOCRUZ que não mediu esforços para me ajudar com o acervo de Virgínia depositado na instituição. Ao amigo e pesquisador Sirio Fröhlich pelas dicas valiosíssimas. E por fim, mas não menos importante, agradeço a “família” FEB, com seus veteranos e seus descendentes por me acolher e fazer com que eu sinta a honra de pertencer a esta linda família, assim como Virgínia que sempre sentiu orgulho!!!

RESUMO

Esta pesquisa compreende a trajetória da Capitã Enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, cujo recorte abrange o período da sua atuação como enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial (IIGM), entre os anos de 1944 e 1945. Nosso objetivo é lançar luz sobre um olhar feminino - o de Virgínia Portocarrero, sobre um dos momentos mais traumáticos da história da humanidade no século XX, cuja participação brasileira e, especialmente a participação da mulher brasileira na guerra, é ainda muito pouco estudado. As fontes primárias utilizadas foram as cartas enviadas para seu pai durante o tempo em que esteve na Segunda Guerra Mundial, compondo o que seu pai denominou “Diário de Guerra” e que hoje se encontra no acervo Virgínia Portocarrero da Casa de Cultura Oswaldo Cruz – COC FIOCRUZ.

Palavras-chave: Virgínia Portocarrero, enfermagem, saúde, Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

This research comprises the trajectory of Captain Nurse Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, whose outline covers the period of her performance as a nurse of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in World War II (IIGM), between the years 1944 and 1945. Shed light on a female look - that of Virgínia Portocarrero, on one of the most traumatic moments in the history of humanity in the 20th century, whose Brazilian participation, and especially the participation of Brazilian women in war, is still very little studied. The primary sources used were the letters sent to his father during the time she was in the Second World War, composing what his father called “Diário de Guerra” and which is now in the Virgínia Portocarrero collection of Casa de Cultura Oswaldo Cruz – COC FIOCRUZ.

Keywords: Virgínia Portocarrero, nursing, health, Second Word War.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Virgínia recebendo a Medalha do Pacificador	3
Figura 2: Diploma do curso de Arte Decorativa	19
Figura 3: Virgínia como dama no casamento das princesas	20
Figura 4: Diploma de Virgínia da Cruz Vermelha	20
Figura 5: Desenho de Virgínia que ganhou medalha de prata	21
Figura 6: Roteiro do Serviço de Saúde da FEB feito por Virgínia	29
Figura 7: Enfermeiras prontas para Mudança de Base em Pistoia	30
Figura 8: Sala de Operações em Pistoia	31
Figura 9: Virgínia na fila do Post Exchange	32
Figura 10: Hospital em Pisa inundado pelo Rio Arno	34
Figura 11: Virgínia em Pistoia	34
Figura 12: Hospital em Pistoia destruído por incêndio - visto de cima	35
Figura 13: Hospital em Pistoia destruído por incêndio	35
Figura 14: Carta de Virgínia sobre o Combate em Monte Castello	37
Figura 15: Carta do Sargento Virgolino	40
Figura 16: Poema Exaltação	42
Figura 17: Enfermeiras escrevendo cartas	43
Figura 18: Diploma do curso de relações públicas do Clube Militar	50
Figura 19: Carta de Virgínia no primeiro dia de folga	65
Figura 20: Carta de Virgínia após apendicectomia	66
Figura 21: Carta de Virgínia relatando atendimento à ferido	67
Figura 22: Carta de Virgínia sobre o 8º hospital em que ela estava	69
Figura 23: Carta de Virgínia relatando o Natal	72
Figura 24: Carta de Virgínia descrevendo o Reveillon	77

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A trajetória educacional e formação de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero	122
CAPÍTULO 2: A trajetória de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero como enfermeira durante a II Guerra Mundial.....	22
2.1–Força Expedicionária Brasileira (FEB).....	50
CAPÍTULO 3: O “Diário de Guerra” de Virgínia Portocarrero durante a II Guerra Mundial	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
FONTES.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82

Introdução

Esta pesquisa compreende a trajetória da Capitão Enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, cujo recorte abrange o período da sua atuação como enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial (IIGM), entre os anos de 1944 e 1945. Nosso objetivo é lançar luz sobre um olhar feminino - o de Virgínia Portocarrero -, sobre um dos momentos mais traumáticos da história da humanidade no século XX, cuja participação brasileira e, especialmente a participação da mulher brasileira na guerra, é ainda muito pouco estudado. Pretendemos, por meio do olhar de Virgínia, contribuir para o estudo da história das mulheres na carreira militar, bem como trazer uma reflexão sobre as guerras, e o desejo de que elas não mais aconteçam. Como afirma Jacques Le Goff “o interesse do passado está em esclarecer o presente”, permitindo elaborar estratégias para o percurso futuro¹. Ele é justificado, quando acreditamos que o nosso presente é o eco do passado, sendo este indestrutível.

Essa dissertação vem também valorizar a memória e a história de vida de uma das sessenta e sete mulheres que voluntariamente se dispuseram a defender a vida e a saúde dos homens que lutaram pelo Brasil e seus aliados. Para elas, esses homens tinham uma importância maior que as suas próprias vidas, diminuir o sofrimento nos campos de batalha integrando a Força Expedicionária Brasileira (FEB), era um trabalho gratificante e essencial.

Virgínia é a filha mais nova de Tito Portocarrero e Dinah de Niemeyer Portocarrero. Nascida em 23 de outubro de 1917, no Rio de Janeiro, à época Distrito Federal, viveu sua infância no bairro do Maracanã onde ficava a casa da família Portocarrero. Filha de famílias brasileiras conhecidas e respeitadas, Niemeyer pelo lado materno e Portocarrero pelo lado paterno, Virgínia é descendente de Ludovina Porto Carreiro, com destacado papel na Guerra do Paraguai, assim como seu marido, Hermenegildo Porto Carreiro. Sendo também bisneta, pelo lado materno, do Marechal Conrado Jacob Niemeyer, fundador do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, militar, engenheiro e político brasileiro.

O Colégio Maria Imaculada foi o primeiro colégio que Virgínia conheceu. Situado na mesma rua onde morava, mantido por irmãs espanholas e com uma típica educação

¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2.ed. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.

feminina na época, com aulas de piano, bordado, boas maneiras e religião. Virgínia continuou seus estudos no Colégio Pedro II e formou-se bacharel em ciências e letras pelo mesmo colégio. Em 1936, após formar-se, Virgínia fez curso de prática de laboratório no Hospital de São Sebastião onde trabalhou logo em seguida. Com várias habilidades, Virgínia não se limitou a uma área só e mais tarde aperfeiçoou-se em Arte Decorativa na antiga Escola Politécnica Nacional de Engenharia, localizada, à época, no Largo de São Francisco, centro do Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou no Instituto do Mate como desenhista. Obteve, também, o certificado de habilitação para o cargo de escriturária da Prefeitura do Distrito Federal, na Secretaria de Educação e Cultura e no Departamento de Saúde Escolar. Recebeu o certificado de aprovação do concurso básico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários no Ministério do Trabalho, no mesmo ano.

Iniciou o curso de Samaritana na Cruz Vermelha de Belém do Pará, onde seu pai estava servindo na época, e veio a concluí-lo no Rio de Janeiro em 14 de novembro de 1942 recebendo o diploma da Cruz Vermelha. Motivada pela contingência da guerra, sendo filha de militar, em 1943, após a chamada pública de enfermeiras voluntárias, inscreveu-se e foi selecionada, iniciando o curso preparatório, o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE). Em 02 de junho de 1944, Virgínia concluiu o curso, e após essa data ficou à disposição do Primeiro Escalão da Força Expedicionária Brasileira, que mereceu um subcapítulo devido à sua importância. A divulgação de fotografias nas páginas dos jornais gerou visibilidade ao grupo que, à frente de seu tempo, impôs a força da presença feminina em um universo eminentemente masculino, inóspito e bélico, conquistando um campo inédito na história da enfermagem brasileira.

Ainda no Brasil, antes de embarcar, firmou com seu pai, o general Tito Portocarrero, o compromisso de escrever cartas para registrar a memória de sua atuação na II Guerra Mundial. Essas cartas constituem registros históricos fundamentais sobre o cenário da guerra, hoje depositadas no acervo da Casa de Cultura de Oswaldo Cruz na FIOCRUZ (COC FIOCRUZ) assim como todo o acervo de Virgínia relacionado a sua participação na II Guerra Mundial (IIGM).

Na igreja Nossa Senhora da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, uma missa foi celebrada, abençoando a partida de Virgínia Portocarrero e de três primos-irmãos para a Itália. Virgínia embarcou em 07 de julho de 1944, saindo do Rio de Janeiro e chegando a Nápoles em 15 de julho do mesmo ano. Lá prestou os primeiros socorros aos brasileiros que chegavam. No Boletim Interno da FEB de número 9, em 11 de agosto de 1944, as

enfermeiras foram “arvoradas” ao posto de segundo tenente ganhando assim os mesmos direitos que as enfermeiras americanas. Sucederam-se as mudanças nos hospitais: Nápoles, Tarquinia, Ardensa, Cecina (S. Luce), norte de Pisa e Pistoia.

Em pleno inverno, em 21 de fevereiro de 1945, os pracinhas brasileiros conseguiram tomar a fortaleza alemã de Monte Castello, onde se travou a batalha mais significativa da Força Expedicionária Brasileira, um importante episódio dos finais da II Guerra Mundial. Virgínia ficou adida na Itália de março a junho de 1945, esperando definição da data de regresso ao seu país. Partiu da Itália rumo ao Brasil em 11 de junho daquele ano. Foi licenciada pelo Exército em seu retorno. Suas atividades civis foram então retomadas. Em 1950, Virgínia foi incluída na Reserva do Exército. Anos mais tarde, em 1957, o Exército reincluiu as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira através do esforço do Deputado Fernando Ferrari, no posto de segundo tenente, no Serviço de Saúde do Exército. A reversão ao serviço ativo do Exército permitiu à Virgínia Portocarrero servir na Policlínica Central do Exército até 1962.

Na Associação de Veteranos da FEB Virgínia teve grande desempenho, sendo membro nato do Conselho Deliberativo e administradora do Mausoléu e do Ossuário dos Veteranos da FEB, nos cemitérios do Caju e São João Batista. Reformada no posto de capitão foi condecorada com as medalhas de Guerra, de Campanha, da Cruz Vermelha Brasileira e Mascarenhas de Moraes.

A enfermeira Virgínia vem recebendo ao longo dos últimos anos várias homenagens, principalmente por se tratar da última enfermeira brasileira desse conflito mundial. Em 25 de agosto de 2017, recebeu a Medalha do Pacificador e no mesmo ano foi agraciada com a medalha Serviço de Saúde da FEB. Em março de 2018, recebeu o título de Aluna Emérita do Colégio Pedro II. Em 04 de Março de 2020 foi outorgado o título de Doutora Honoris Causa, sendo a primeira enfermeira a receber este título pela UNIRIO.



**Fotografia 1 - Virgínia recebendo a Medalha do Pacificador das mãos do Capitão Sirio Fröhlich –
ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA**

Esta pesquisa surge da minha inquietação pessoal, pois sendo oriunda de uma família a qual pertencem vários oficiais do Exército Brasileiro, de quatro oficiais

combatentes que estiveram presentes na II Guerra Mundial, descendente (sobrinha neta) da capitã enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, desde muito cedo os relatos e as imagens deste conflito me são muito familiares. Acredito, que as memórias de uma mulher militar através de documentos, fotografias e das cartas escritas e enviadas para seu pai durante a IIGM, são registros históricos importantes que realmente merecem ser preservados, estudados, pesquisados e divulgados.

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero foi tratada pela professora doutora Margarida Bernardes, na sua dissertação de mestrado, assim como também no seu pós-doutorado, na qual a autora aborda aspectos da infância, juventude, formação acadêmica, e atuação de Virgínia na II Guerra Mundial e também posteriormente. Virgínia foi também objeto de estudo da tese de doutorado de Alexandre Barbosa de Oliveira, na qual o autor aborda as Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no *front* do pós-guerra. O material de pesquisa inclui ainda recortes de jornais em poder da família, os encontrados no acervo da Biblioteca Nacional e o livro *A Veterana* de Daniel Mata Roque². Essa dissertação vem somar-se à outras pesquisas realizadas, e contribuir com a historiografia sobre a enfermagem na II Guerra Mundial e o desempenho das mulheres nesse contexto.

Segundo a pesquisadora Margarida Bernardes, Virgínia teria relatado em entrevista concedida a COC FIOCRUZ, quando da doação de seu acervo para a instituição, que os relatos de guerra foram escritos por ela a pedido de seu pai, o General Tito Portocarrero, responsável por orientar a filha a mandar folhas avulsas, como cartas, pelos doentes que retornassem ao Brasil para o Hospital Central do Exército. A intenção era fugir da censura, não passando pelos correios para poder ter os registros na íntegra.

Essas narrativas deram origem ao que o pai de Virgínia denominou “Diário de Guerra” e posteriormente, a própria Virgínia continuou o designando assim. Isso faz com que todos que trabalhem com essas cartas, também as intitule como “Diário de Guerra”. Junto as cartas, eram também enviadas fotografias e outros objetos. Em sua correspondência, Virgínia narrava o cotidiano do *front*, descrevia a relação com as colegas enfermeiras brasileiras e americanas e também com os oficiais superiores e soldados, oferecendo indícios para compreensão das relações de poder estabelecidas no

interior da hierarquia militar. Essas cartas constituem fontes privilegiadas de nossa pesquisa.

² ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro, Editora Clube de Autores, 2019.

Virgínia sempre foi muito romântica e pode ser considerada uma mulher à frente do seu tempo. Perceber sua sensibilidade, o olhar doce nas fotografias em que se deixou fotografar e seus sentimentos escritos nas páginas das cartas, em meio ao sofrimento de uma guerra, é sentir o feminino no mais puro sentido da palavra. As cartas de Virgínia com seus relatos de guerra, além de serem registros históricos fundamentais sobre o cenário do conflito, nos dá melhor compreensão sobre a história da FEB, constitui uma fonte relevante sobre a história da enfermagem no Brasil, e seus progressos tecnológicos a partir da II Guerra Mundial, como por exemplo o uso da penicilina, único antibiótico usado na época.

As memórias da mulher Virgínia, parte de um grupo normalmente invisibilizado, principalmente no que tange a registros históricos - desconsiderado e escasso -, emerge anos depois de sua participação na II Guerra Mundial, quando a mesma já se encontrava em idade avançada e, em esforço para não ter sua contribuição na história esquecida, resolve doá-la a uma instituição de preservação arquivística e de pesquisa, a Casa de Cultura de Oswaldo Cruz (COC FIOCRUZ).

Além dos registros existentes na COC FIOCRUZ, também foi consultado o arquivo particular da família com manuscritos de Virgínia, e o acervo disponibilizado pela Professora-Doutora Margarida Bernardes, oriundos de sua própria produção científica, com artigos, entrevistas e teses. O acervo na COC FIOCRUZ denominado Virginia Portocarrero, cujo nome é BR-RJ-COC-VP, pode ser acessado por meio da Base Arch (<http://arch.coc.fiocruz.br>) no site da COC FIOCRUZ e inclui documentos e imagens doados pela própria Virgínia. Para este estudo, pesquisei apenas o material disponível *online* em virtude da pandemia do Covid-19. Ressalta-se que este acervo deu origem a um processo acadêmico resultando no ano de 2020, na outorga de Doutora *Honoris Causa* à enfermeira Virgínia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), além de artigo recém-publicado pela FIOCRUZ³ e um conto de uma jornalista que se interessou pela história de Virgínia, através do site da FIOCRUZ, que resultou num capítulo de um livro sobre mulheres.

Do ponto de vista teórico metodológico, a dissertação dialoga com autores voltados para as seguintes temáticas: biografias-trajetórias, história das mulheres na II Guerra Mundial, história da enfermagem no Brasil, memória e história da FEB,

³ BERNARDES. Margarida Maria Rocha et al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Cultura Oswaldo Cruz/Fiocruz. História, Ciências, Saúde – *Revista Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.29, n.2, pp.531-550, abr.-jun. 2022.

cartas/correspondências como fontes de pesquisa. Segundo Giovanni Levi no texto *Usos da biografia*⁴, a abordagem biográfica seria uma solução para a carência de novas fontes que conseguissem trazer indícios sobre o cotidiano, sendo importante considerar os possíveis problemas desse uso como as distorções do objeto, caso pressuponha-se que o mesmo obedeça a uma cronologia ordenada e teleológica, sem levar em consideração o contexto no qual age o indivíduo, o que Bourdieu vai chamar de “postulado do sentido da existência narrada”⁵. Uma rede de metrô, como a que Bourdieu propõe, é a melhor explicação sobre os caminhos da confecção da escrita de uma trajetória.

Gilberto Velho em *Antropologia e Cidade*⁶ afirma que acompanhar e investigar trajetórias individuais implica em seus níveis de atuação e desempenho de papéis sociais, tarefa fascinante e desafiadora que nos tem ajudado a perceber o caráter múltiplo, diferenciado e mesmo fragmentado dos processos identitários. Mauricio de Almeida Abreu em *Sobre a memória das cidades*⁷ distingue “memória urbana” de “memória de cidade”. Para o autor a “memória urbana” trata do estoque de lembranças do modo de vida urbano *per se*, não tendo obrigação de relacioná-las a uma base material particular, a um lugar específico, enquanto a “memória de cidade” referencia obrigatoriamente essas mesmas lembranças a uma base material precisa, a um determinado lugar. Desse modo, a cartografia dos espaços ocupados por Virgínia em sua trajetória, como, por exemplo, a casa dos seus antepassados no Maracanã, antigo bairro São Francisco Xavier, onde Virgínia nasceu, vem também ao encontro de uma “memória de cidade” do Rio de Janeiro.

Joan Scott afirma que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é uma forma primária de dar

⁴ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, 2ª edição, p.169.

⁵ BOURDIER, Pierre. A Ilusão biográfica. Paris, 1996. In.: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

⁶ VELHO, Gilberto. “Antropologia e cidade”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁷ ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a memória das cidades*. Revista da Faculdade de Letras – Geografia I. Série, Volume XIV, Porto, 1988, pp 77-97.

significado às relações de poder”.⁸ E durante uma guerra são essas relações que fazem a roda girar. Sobre a participação de Virgínia na II Guerra Mundial, bem como a das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB), dialogamos com os trabalhos de Mary Del Priore, Michelle Perrot e Claude Quéstel, especialmente nas obras *Sobreviventes e Guerreiras*⁹, *Minha história das mulheres*⁹ e *As Mulheres na Guerra*¹⁰, respectivamente.

Claude Quéstel argumenta que com a II Guerra Mundial não havia mais, salvo exceções, linha de frente nitidamente circunscrita. A guerra estava em toda parte e em toda parte era necessário socorrer os feridos, com os civis juntando-se aos militares e causando problemas ao mesmo tempo diferentes e maiores de socorro e assistência. Por causa disso, ao passo em que eram a antítese da combatente, essas enfermeiras, salvo certamente se estavam exercendo suas funções em hospitais longe do *front*, foram muitas vezes envolvidas nos combates.

Na época da II Guerra Mundial, a enfermagem era uma profissão ainda restrita às mulheres. O contexto da guerra possibilitou às enfermeiras uma atuação em ambiente seguro moral e fisicamente perante pais e maridos. Entretanto, o ambiente hostil e complicado de guerra, fez com que a moral das enfermeiras brasileiras fosse questionada por muitos. Desta forma, o exercício da profissão de enfermeira e posteriormente a reivindicação por espaço nas forças armadas abriu precedente na história da participação da mulher no Exército Brasileiro, o que já justifica a relevância desta pesquisa.

Como consequência direta do enfrentamento neste conflito, houve cada vez mais a necessidade de organização e planejamento para gerenciar os cuidados em saúde, vindo a embasar novas práticas, direcionando pensamentos, fazendo capacitação, inclusive nos momentos onde a inexperiência foi um desafio enfrentado. Os profissionais de saúde criaram estratégias para lidar com o novo em termos de ferimentos bélicos de toda a sorte, estratégias sobre o cuidado nos corpos feridos. Por meio de imagens, objetos e, desenhos existentes no acervo da COC FIOCRUZ, citado anteriormente, encontramos sintomas, itinerários e estratégias de cura, identificando percursos inéditos na terapêutica dos

⁸ SCOTT, Joan. História das mulheres. IN. BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995. ⁹ DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

⁹ PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁰ QUÉTEL, Claude. *As Mulheres na Guerra 1939-1945*, Volume 2. São Paulo, 2009.

feridos da II Guerra Mundial. Acredito que o objetivo era, em primeiro lugar, tornar público o cotidiano das enfermarias com o propósito de possivelmente revelar os percursos migratórios, do sofrimento e dos cuidados prestados.

Desse modo, o acervo de Virgínia dá visibilidade a grande área das ciências da saúde, onde a II Guerra Mundial acabou se tornando impulsionadora de pesquisas, experimentos e vivências. Os improvisos criados na assistência aos feridos, acabou por determinar práticas, pensamentos e teorias. Esta reconstrução de percursos de oferta e procura de saberes dos médicos e enfermeiras que estavam atuando no conflito, nos permite percorrer algumas das rotas terapêuticas que os feridos trafegaram naquele espaço terapêutico.

Desse modo, o acervo doado por Virgínia Portocarrero à FIOCRUZ configura-se como um “lugar de memória” da atuação das enfermeiras da FEB, tal qual descrito no já clássico conceito de Pierre Nora¹¹. Para Nora, a criação de *lugares de memória* se faz necessária quando não há mais meios de memória, pois “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares”¹².

A memória de Virgínia sobre os fatos narrados do *front* da guerra faz parte também de uma memória coletiva desse episódio, construída a partir do encontro da sua memória individual com a memória do grupo no qual Virgínia esteve inserida, perceptível na leitura de suas cartas, demais documentos e entrevistas¹³. É também notório em seus relatos, o *ethos* militar “ensinado” nos cursos de treinamento, bem como o adquirido como parte de uma consciência familiar na qual Virgínia esteve inserida desde a sua infância, sendo, portanto, em alguma medida, moldada por ele.

Daniel Mata Roque em sua obra *Luz, Câmera, Esquecimento*¹⁴ aborda os trabalhos da memória e do esquecimento sobre a II Guerra Mundial a partir da reconstrução de um único filme de ficção produzido no Brasil sobre o referido conflito mundial, hoje desaparecido. Desse modo, o autor acaba por criar um novo “lugar de memória” sobre a II Guerra Mundial, ressaltando que esquecimento também é memória,

¹¹ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: Projeto História. *Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

¹² NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. P. 8-9

¹³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁴ ROQUE, Daniel Mata. *Luz, Câmera, Esquecimento - O Brasil na Segunda Guerra Mundial e a Trajetória do filme perdido O Brasileiro João De Souza*. Rio de Janeiro: Editora Academia Militar Terrestre do Brasil, 2021.

como pontua Paul Ricoeur¹⁵. Eric Hobsbawm em *A Era dos Extremos*¹⁶ pontua que a destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quando se faz a recuperação desse passado por meio de uma história de vida, a de Virgínia Portocarrero, através de documentação doada voluntariamente por ela e de entrevistas cedidas a pesquisadores, há uma contribuição concreta de uma possível recuperação da história da FEB, ainda em construção.

O caminho metodológico para embasar nossa investigação, insere-se na pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva na avaliação de Ruiz¹⁷, visa encontrar a resolução de problemas, sem que o pesquisador interfira no processo. É realizada por intermédio de observação, análise e descrições objetivas. A abordagem qualitativa agrega geralmente entrevistas e observação¹⁸. Cabe ressaltar que tal abordagem não tem como característica principal a descrição quantitativa e/ou numérica dos dados, sendo considerada uma dinâmica interativa entre o mundo real e o sujeito¹⁹.

Para nossos propósitos, utilizaremos os documentos iconográficos do fundo Virginia Portocarrero da COC FIOCRUZ apenas como ilustrações do nosso trabalho, embora entendamos que as imagens produzidas constituem também narrativas em si, de alcance inestimável. A abordagem será predominantemente teórica, baseada em pesquisas bibliográfica, documental, imagética e eletrônica, sendo, para tanto, revisados livros, manuais, regulamentos, artigos, dissertações, teses, *papers*, sítios e jurisprudência sobre o tema. Para melhor compreensão da temática foi realizada busca em literatura nas bases de dados MEDLINE e Biblioteca Virtual de Saúde, LILACS, PUBMED, nos sites SCImago, Scielo Acadêmico, Google Acadêmico, Capes, CNPq e Inep, com filtro para título e palavras-chave na língua inglesa e portuguesa: enfermagem, evidências científicas e área da saúde.

Os critérios de inclusão foram: artigos com texto completo disponível, no idioma português e inglês, no período de 2015 – 2019. Os critérios de exclusão serão estudos

¹⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 455.

¹⁶ HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁷ RUIZ, J. A. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

¹⁸ BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos da metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

¹⁹ GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

repetidos nas bases de dados; temática que não estejam em consonância com o objeto deste estudo. Todas as etapas deste estudo foram planejadas de modo a agilizar o trabalho de pesquisa, visando ao cumprimento de prazos e a qualidade das informações do texto. Para melhor contextualizar essa trajetória, e delinear o perfil da nossa personagem, o Capítulo 1, intitulado **A Trajetória educacional e formação da Capitão Enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero**, abrange o nascimento de Virgínia na casa de seus avós paternos, sua formação pessoal, educacional e profissional, incluindo sua formação na Cruz Vermelha como enfermeira Samaritana a habilitando para a guerra.

Já no Capítulo 2, intitulado **A Trajetória de Virgínia Portocarrero como enfermeira durante a II Guerra Mundial**, abordaremos o treinamento de Virgínia para a FEB, sua atuação como enfermeira durante a II Guerra Mundial e sua vida no pós-guerra, até ser incorporada novamente ao Exército Brasileiro (EB) e entrar para reserva em 1962. Neste capítulo abordei a FEB mais detalhadamente.

Deixamos para o Capítulo 3 a análise do **“Diário de Guerra” de Virgínia Portocarrero** durante a II Guerra Mundial. Nesse capítulo são analisadas cartas escritas por Virgínia para seu pai, cujo conjunto é denominado **“Diário de Guerra”** por seu pai que o organizou.

Do ponto de vista metodológico, a análise das cartas foi realizada através do aporte teórico das autoras Teresa Malatian²⁰, Carla B. Pinsky²¹, Marieta de Moraes Ferreira²³ e Isabel Siqueira Travancas²². De acordo com as autoras, há um expressivo potencial nas cartas como fontes de pesquisa. Porém, a regra utilizada em sua análise é a mesma para qualquer outro tipo de documentação, a de que nenhum documento pode abranger por si só um tema. A comparação com outros documentos se faz necessária para abrir novas perspectivas e novos ângulos de compreensão ao historiador. Isso também evita a ilusão de que o material obtido nas correspondências estabeleça verdade absoluta, inexplorada e confiável uma vez garantida sua “espontaneidade” e assim, sua “veracidade”.

²⁰ MALATIAN, Teresa. Cartas-Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

²¹ PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2018.

²³ FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

²² TRAVANCAS, Isabel Siqueira. A experiência do trabalho de campo no universo da comunicação. *Extraprensa*, Universidade de São Paulo, Ano VIII, nº 14, junho de 2014, p. 19-25. Id. Cartas de recusa de um editor escritor: a correspondência editorial de Italo Calvino. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Belém, Pará, 2019.

Nessa perspectiva, as cartas devem ser correlacionadas com outros documentos e inseridas nos seus contextos, além de se buscar conciliar as duas pontas da correspondência, entre remetente e destinatário, para construção de um abonado quadro analítico.

CAPÍTULO 1: A trajetória educacional e formação de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero nasceu em 23 de outubro de 1917, em meio a entrada do Brasil na I Guerra Mundial, quando um navio mercante dos Estados Unidos foi torpedeado por submarinos alemães e, no mesmo dia, um navio brasileiro também o foi no Canal da Mancha. Isso provocou o rompimento das relações diplomáticas dos dois países com o Império Alemão. Pouco tempo depois, os Estados Unidos entraram na guerra contra a aliança entre austríacos e alemães. Depois de outros navios brasileiros serem torpedeados novamente, na costa do Mar Mediterrâneo, o então presidente Venceslau Brás assinou – após aprovação no Congresso – a declaração de guerra contra a Tríplice Aliança no dia 26 de outubro de 1917. O Brasil teve uma participação modesta na I Guerra Mundial, já que não possuía grandes recursos bélicos. Assim sendo, o país limitou-se a fornecer apoio pontual, em colaboração nos combates aéreos e marítimos, bem como no auxílio aos feridos nos campos de batalha.

Em diversos momentos a trajetória de Virgínia, e seus vínculos familiares, irão se cruzar com conflitos bélicos ocorridos na virada do século XIX, e primeira metade do século XX, como veremos a seguir. A casa onde Virgínia nasceu no Rio de Janeiro era a casa de seus avós paternos Leopoldina Portocarrero e Tito Augusto Portocarrero na Rua São Francisco Xavier nº 927, antigo bairro São Francisco Xavier, hoje Maracanã, uma das mais importantes ruas do bairro, então apenas um caminho que interligava as diversas chácaras que ali existiam e que faziam parte da então freguesia do Engenho Velho.

Mais precisamente a partir da década de 1870 inicia-se um processo de urbanização nesta área, quando em 1873, o Governo Imperial delegou as freguesias de São Cristóvão, de Inhaúma e Engenho Velho, a possibilidade de construção de novas edificações, sempre voltadas para atender a uma população de classe média alta, permitindo um maior desenvolvimento para os bairros ali localizados. É neste período, portanto, que se tem a formação do bairro, que juntamente com Tijuca, Engenho Velho, Andaraí e Vila Isabel, são incorporados à malha urbana da cidade.

É importante considerar que o bairro sempre teve uma importância esportiva para a cidade. Foi nessa região que, na metade do século XIX surgiram as primeiras sociedades turfísticas do Rio de Janeiro. Tradicionalmente, a região das antigas chácaras sempre viveu em torno da área onde hoje é o estádio Mário Filho, o Maracanã. Nesta região funcionava o Derby Clube, a segunda grande associação de turfe fundada no Rio, em 1885, por André Gustavo Paulo de Frontin.

O prefeito da cidade em 1917, ano que Virgínia nasceu, era Amaro Cavalcanti e a cidade tinha aproximadamente 1.147. 000 habitantes. Neste mesmo ano aconteceu a Greve Geral de 1917, que mobilizou de 50 a 70 mil trabalhadores no Rio de Janeiro e foi a prova de fogo do movimento operário brasileiro, no início do século XX. A luta contra a recessão econômica amplificada pelos impactos da I Guerra Mundial (1914-1918) e a união em torno de reivindicações, como a redução nas horas de trabalho, também fortaleceram o movimento.

A casa onde Virgínia nasceu realmente estava mais para uma chácara pois ocupava o quarteirão inteiro da rua e tinha um enorme pomar com muitas árvores frutíferas onde ela e suas primas-irmãs passavam horas brincando. Nesta casa também tinham muitos animais, como vaca, cavalo, cabra, coelho, cachorro e até macaco selvagem que, segundo Virgínia relatou em fitas K7 no acervo pessoal da família, adorava roubar frutas de suas mãos. Hoje ocupa apenas a área de um edifício com o nome Portocarrero em homenagem a família.

Desde criança Virgínia era muito vaidosa e se preocupava muito com a saúde, na juventude não seria diferente. Virgínia até seguia um cardápio com os alimentos que tinham as vitaminas necessárias para o organismo, que ela utilizava muito, pois achava que as vitaminas muito contribuía para a sua beleza. Outra habilidade manual de Virgínia desde nova, além do desenho, é o bordado.

Virgínia cresceu ouvindo as histórias contadas por seus antepassados sobre a Guerra do Paraguai onde sua bisavó Ludovina Tavares Porto Carreiro foi uma grande mulher ao lado de seu marido Hermenegildo de Albuquerque Porto Carreiro, mais conhecido como o Barão do Forte Coimbra. Nesta casa onde Virgínia morava, além de seu núcleo familiar composto por seu pai Tito Tavares Portocarrero, sua mãe Dinah de Niemeyer Portocarrero e seu irmão mais velho Cyrano de Niemeyer Portocarrero, ainda moravam os irmãos de seu pai com suas famílias e assim Virgínia cresceu rodeada por tios e primos. Ela tinha em suas primas e primos, irmãos de verdade e foram inseparáveis. Dentre as primas-irmãs mais próximas de Virgínia estava Maria Antonieta Portocarrero que mais tarde se tornou a atriz Tônia Carreiro, irmã de Heraldo Carlos Leopoldo de Farias Portocarrero, que na época da II Guerra Mundial era Tenente de Artilharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e também foi a II Guerra Mundial junto com Virgínia. Maria Antonieta e Heraldo também eram bisnetos do Barão do Forte Coimbra, Hermenegildo de Albuquerque Porto Carreiro e Ludovina Porto Carreiro.

Segundo Virgínia relatou para o jornal *Diário da Noite* de 25 de setembro de 1957²³, desde a infância, quando ela olhava o álbum de família, sentia uma honra imensa e entusiasmo pelo serviço militar. Deleitava-se ao ver as fotos de seus bisavós paternos, o marechal Hermenegildo Porto Carreiro e sua esposa, Ludovina Porto Carreiro, que na Guerra do Paraguai, tiveram destacada atuação. O bisavô comandou o Forte de Coimbra, recebendo o título de Barão do Forte Coimbra, sendo que aquele forte, no Estado do Mato Grosso, recebeu o nome dele; e Ludovina recebeu o título de Baronesa do Forte e foi uma das primeiras enfermeiras brasileiras em serviço numa guerra. Ela atendia aos feridos nas batalhas e auxiliava os soldados comandados por seu marido, preparando munições.

Virgínia é descendente de duas famílias tradicionais, Portocarrero pelo lado paterno, como foi mencionado anteriormente e Niemeyer pelo lado materno, sendo bisneta do Marechal Conrado Jacob Niemeyer, fundador do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, natural do Rio de Janeiro, nascido em 21 de abril de 1831 e tendo falecido na mesma cidade em 14 de fevereiro de 1905. Foi militar, engenheiro e político brasileiro. Oscar Niemeyer, arquiteto de renome internacional e Paulo Niemeyer, neurologista renomado, também eram primos de Virgínia.

Ainda menina, Virgínia foi estudar no Colégio Maria Imaculada localizado na mesma rua em que morava, número 935, onde recebeu uma educação bem tradicional feminina e peculiar daquela época; com aulas de piano, costura, bordado, boas maneiras e religião dentre outras disciplinas pois o colégio era mantido por freiras espanholas. Consta no livro de registro de matrículas deste colégio que, ela estudou de 1925 a 1931, do 1º ao 5º ano, sendo o único documento existente de Virgínia neste colégio, segundo Bruna C. Fiorio Amaral secretária escolar do colégio, em depoimento a mim concedido. O colégio foi fundado em 1920 e continua existindo até hoje sendo uma das unidades da Rede Concepcionista de Ensino, mantido pela Congregação das Irmãs Concepcionistas Missionárias do Ensino. Nos primeiros anos de fundação, quando Virgínia estudou no mesmo, o colégio era exclusivamente feminino, funcionando do 1º ao 4º ano do curso primário.

Virgínia era uma menina romântica e sonhadora, cumpria suas obrigações, era apaixonada por seu irmão Cyrano e seus primos e primas com quem convivia diariamente e

assim dividia o seu cotidiano. Gostava de brincar pelo pomar com as primas e de ouvir rádio que era quando elas pegavam letras de músicas da época ouvindo no rádio e copiavam num

²³ Recorte de jornal do acervo COC FIOCRUZ.

caderno, principalmente na época do carnaval quando elas ouviam as marchinhas, hábito que foi mantido até a mocidade. Mais tarde, quando já adolescente, passou a frequentar os bailes do Clube Militar que seu pai sempre a levava. O Clube Militar com sede na Avenida Rio Branco, 251, no Centro do Rio de Janeiro, foi fundado em 1887. A criação do Clube Militar foi precedida de várias tentativas similares, que resultaram na criação de grêmios, institutos, clubes e associações na capital e em várias províncias, todos de duração efêmera.

Aos poucos, conforme se agravavam as crises do final do Império, com as conhecidas “questões” religiosa, diplomática e militar, amadurecia a ideia de que os militares precisavam fazer-se ouvir de maneira coletiva e organizada. Os oficiais do Exército e da Armada, altamente politizados, como o resto de toda a população educada do país, procuraram envolver os líderes das forças, aqueles que gozavam da admiração e do respeito da grande maioria da classe, na fundação do Clube.

Virgínia era muito dedicada aos estudos e à família. De 1932 a 1936 continuou seus estudos e formou-se bacharel em ciências e letras pelo Colégio Pedro II, um colégio também bastante tradicional, situado na antiga Rua Larga, atual Avenida Marechal Floriano 80, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Fez grandes amizades com suas colegas de turma, gostava de escrever cartas para elas quando estava de férias e manteve estas amizades mesmo depois de concluir o curso, foram amigas de uma vida inteira. Formou-se em 1936 e, segundo o Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II, o nome de Virgínia consta na lista de concluintes de 5º ano em 1936 no livro *O Colégio Pedro II cem anos depois* do autor Igenesil Marinho. Os outros livros de registro de matrícula de alunos, no momento, estão indisponíveis por se encontrarem em processo de higienização segundo me foi informado pelo coordenador do local.

O Colégio Pedro II foi fundado em 2 de dezembro de 1837, e é uma das mais tradicionais instituições públicas de ensino básico do Brasil. Ao longo de sua história, foi responsável pela formação de alunos que se destacaram por suas carreiras profissionais e influência na sociedade. Seu quadro de egressos possui presidentes da República, músicos, compositores, poetas, médicos, juristas, professores, historiadores, jornalistas, dentre eles está Virgínia que em março de 2018 recebeu o título de “aluna eminente”. Para ingressar no Colégio, na época em que Virgínia ingressou, os candidatos passavam por um rigoroso exame de admissão, que levava em consideração a idade, o mérito adquirido e habilidades inatas.

O período em que Virgínia passou pela fase de criança e mocidade até a vida adulta é conhecido como “entre guerras” e foi época de consolidação dos Estados Unidos como grande potência mundial, freado apenas pelo crack da bolsa de valores de Nova York, em

1929. O crack teve reflexo em todo o mundo, inclusive na Europa, que ainda se recuperava das perdas sofridas durante a I Guerra Mundial. No Brasil, ficou marcada pela semana de arte moderna, em 1922, cujo objetivo era renovar o ambiente artístico e cultural da cidade de São Paulo, com "a perfeita demonstração do que há em nosso meio em escultura, arquitetura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual", como informava o Correio Paulistano de 29 de janeiro de 1922.²⁴

Poetas como Anita Malfatti, Di Cavalcante, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira tiveram participação marcante no movimento. Mas não foi só a arte que trouxe “modernidade” ao Brasil. Com o estabelecimento da capital federal no Rio de Janeiro, personalidades da política reivindicavam mudanças na cidade que pudessem condizer com os novos tempos e com a imagem que esta possuía perante o mundo. Assim, o cais do porto, as ruas do centro e as áreas pantanosas deveriam ser reconfigurados e as epidemias, constantes na época, precisavam ser extintas. De acordo com Brito Broca, jornalista brasileiro da época, a reforma seguiria os moldes parisienses.²⁵

O prefeito da época, Pereira Passos, teria como meta, ao remodelar o centro da cidade, “emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade europeia”. Com essas mudanças, os hábitos sociais foram reestruturados, inclusive na importância dada ao consumo. Mudanças estas que foram ocasionados, também, pelo pós-guerra e pelas novas tecnologias que iam se espalhando rapidamente entre alguns grupos sociais, devido às transformações comportamentais que eles geram. Além disso, foi uma década que recebeu grande atenção da historiografia e é considerada como um período de preocupação com a ideia de moderno.²⁶

Nesse contexto de modernidade está inserida a revista *Fon-Fon* pois era a revista mais lida na época, inclusive por Virgínia e as mulheres da família. A *Fon-Fon* circulou de 13 de abril de 1907 a 28 de dezembro de 1945. Ao longo do século XIX, as revistas ilustradas tornaram-se moda e, sobretudo, ditaram moda e a *Fon-Fon* seguia o modelo dos periódicos europeus. A revista encarregava-se de oferecer, em primeira mão, as últimas novidades de

Paris, o maior centro de elegância do mundo em matéria de modas femininas e infantis. Tendo como um de seus editores o escritor e crítico de arte Gonzaga Duque, era marcada por um grande enfoque na ilustração e formou célebres ilustradores como J. Carlos, Di

²⁴ NAHES, Semíramis. Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Arte & Ciência, p. 168, 2007.

²⁵ Ibid., p. 168.

²⁶ Ibid., p. 168.

Cavalcanti, Raul Pederneiras e Kalixto. O nome dado à revista, *Fon-Fon* é uma onomatopeia do barulho feito pela buzina dos automóveis, o que, à priori, nos revela a preocupação com o moderno, o novo, que é a expressão da época.

A revista *Fon-Fon* desde seu primeiro número, se coloca como uma revista ágil, leve, em sintonia com os últimos acontecimentos e atualizada com o que acontecia no Brasil e em outros países. Tratava de moda, estilos e mudanças da sociedade. Mas o enfoque era a vida social carioca. A ilustração e fotografia eram fortes ícones presentes, não comuns em outras revistas do mesmo período. A modernização da década em questão é marcada pela ambiguidade. Além de trazer a preocupação com a ideia de moderno, o período em si foi o esboço, também, de uma série de tensões, como a revisão dos papéis que os homens e as mulheres “deveriam” assumir, entre o moderno e o tradicional, entre o ideal burguês e os valores da população assalariada.

Porém, essa tensão vai muito além da ideia de dominação, de modernização imposta, há uma dialética dúbia entre o que era considerado moderno e o que era tradicional, muitas vezes o discurso tradicional era utilizado, também pelas próprias mulheres, para tornar evidente seu papel na sociedade, de dona de casa e mulher do lar. Há uma ruptura com o antigo, e um indicativo de novos comportamentos e mentalidades, há uma reestruturação dos papéis que são atribuídos social e culturalmente a homens e mulheres. A mulher adquire novos hábitos, comportamentos e maneiras influenciados pelas mudanças do período, praticam esportes, são vistas pelas avenidas da cidade, vão aos bailes elegantes e participam ativamente da vida social da cidade.

As mulheres ganham o espaço público, vão sozinhas às ruas, fazem compras sem acompanhante algum. Essa mudança gera um questionamento, e muitos homens da época desejam que a mulher retorne ao lar e continue com as tarefas antes estabelecidas. Há, também, um receio que as senhoras ocupem o lugar dos homens na sociedade, e a igualdade dos sexos passa a ser discutida como nunca antes havia sido. O principal papel a ser desempenhada pela mulher é a administração do lar, enfatizando as suas dificuldades e as habilidades que lhe são necessárias. A mulher elegante, rainha do lar deve conciliar graça e meiguice, conseguindo o que deseja através da doçura e nunca pela força.

Nos anos de 1930, de acordo com Mary Del Priore, cresceu a interferência federal na regulamentação do trabalho e já em 1943 inseriu-se na CLT o item “Da proteção do trabalho da mulher”²⁷. Devido a isso, o salário de homens e mulheres ficou equiparado, o que não aconteceu no meio militar, como veremos no segundo capítulo dessa dissertação, em relação

²⁷ DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. p.134. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

ao soldo das enfermeiras. Também foi coibida a participação de mulheres em trabalhos inadequados, que prejudicassem a saúde expondo-as ao risco. Médicos higienistas insistiam em dizer que o lugar da mulher era em casa pois acreditava-se que o trabalhar fora poderia destruir a família, o lar, tornando os laços parentais mais fracos, que os filhos cresceriam longe da educação e cuidados das mães.

Ao focar as mudanças e permanências das concepções sobre o papel e lugar femininos na sociedade carioca, fica evidente como as concepções de modernidade se inseriam e de que maneira se desdobravam na construção das imagens sobre as mulheres. O que nos permite uma revisão histórica dos fatos da época que comprova que a mulher não era tão submissa. A análise do comportamento da mulher é fundamental para entendermos a construção da representação feminina na sociedade contemporânea. Tais atitudes são consideradas um ensaio para a revolução feminina e as conquistas do século XX. Não podemos esquecer que Virgínia apesar de ser de família militar, tinha opinião própria e sabia muito bem o que queria! E seguia os padrões de beleza e costumes das atrizes internacionais de sucesso da época.

Segundo a pesquisadora Margarida Bernardes colheu informações em entrevista dada por Virgínia, em 1936, após formar-se no Colégio Pedro II, Virgínia fez o curso de prática de laboratório no Hospital de São Sebastião no bairro do Caju e foi trabalhar neste mesmo hospital, que era ligado à Secretaria de Saúde e Assistência do Departamento de Higiene, na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal²⁸. O Hospital de São Sebastião era destinado ao isolamento de doentes com enfermidades contagiosas, teve sua criação autorizada pelo decreto n. 10.181, de 1º de fevereiro de 1889²⁹. As doenças epidêmicas, pelo seu rápido contágio, alto índice de mortalidade e potencial de paralisar serviços urbanos, constituíam-se a principal preocupação do governo na capital do Império,

como também nas cidades portuárias das principais províncias. Sendo os portos as principais vias de entrada das doenças epidêmicas, a inspeção sanitária das embarcações e passageiros recebeu especial atenção, com a criação da Inspeção de Saúde Pública do Porto do Rio de Janeiro, em 1829.

²⁸ <https://youtu.be/Dv4-ZAkj07Y> Entrevista de Virgínia concedida a prof. Margarida Bernardes em ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – DOCUMENTÁRIO ACADÊMICO.

²⁹ Inaugurado pelo imperador D. Pedro II no dia 9 de novembro desse mesmo ano, o Hospital de São Sebastião, estava incluído na estrutura da Secretaria de Estado do Império, subordinado à Inspetoria-Geral de Saúde dos Portos. Contando com 240 leitos, distribuídos em cinco enfermarias, para o novo hospital foram transferidos os doentes do Hospital Marítimo de Santa Isabel, fechado por aviso de 14 de dezembro de 1889. O cenário atual de ocupação é bem diferente daquele quando o hospital foi inaugurado, em 1889, por Dom Pedro II.

Virgínia realizou, em 1937, o Curso de Extensão Universitária de Aperfeiçoamento e Arte Decorativa da Escola Politécnica Nacional de Engenharia³⁰, adquirindo formação de decoradora, professora de desenho e desenhista, podendo lecionar no 1º e 2º anos do Ciclo Secundário. Com sua habilidade para desenho, Virgínia também desenhou a estante com cristaleira que foi feita no apartamento em que morava com seus pais.



Figura 2 - DIPLOMA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE ARTE DECORATIVA – ACERVO COC FIOCRUZ

Como o pai de Virgínia era militar, em função das constantes mudanças vividas, iniciou o curso de Samaritana na Cruz Vermelha de Belém do Pará, no início de 1942, onde seu pai era um dos fundadores, e veio a concluí-lo no Rio de Janeiro em 14 de novembro de 1942, na Praça da Cruz Vermelha, números 10 e 12, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto aluna, foi doadora voluntária de sangue. Fez o curso com as princesas brasileiras Orleans e Bragança e quando foi convidada para ser dama do

casamento de uma das princesas, escolheu o traje de enfermeira, já demonstrando inovação para época. Apesar da Segunda Guerra Mundial já ter eclodido naquela ocasião, o Brasil não vivia mais em regime de monarquia e não se sabia com que países a então

³⁰ Em 4 de dezembro de 1810, o Príncipe Regente (futuro Rei D. João VI) assinou uma lei criando a Academia Real Militar que veio suceder e substituir a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, e de onde descende, em linha direta, a famosa Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, posteriormente chamada de Escola Nacional de Engenharia, alterada em seguida para Escola de Engenharia e, em outubro de 2004, voltando a ser a Escola Politécnica, agora vinculada à UFRJ.

família real estava alinhada, se com os aliados ou com os inimigos, mas naquele momento Virgínia nem estava pensando nisso.



Fotografia 3 - FOTO DE VIRGÍNIA NO CASAMENTO DA PRINCESA DE ORLEANS E BRAGANÇA - ACERVO COC FIOCRUZ.

Ao final do curso, em 14 de novembro de 1942, recebeu o diploma da Cruz Vermelha.



Figura 4 - DIPLOMA DA CRUZ VERMELHA - ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA

A Cruz Vermelha Brasileira é uma sociedade civil filantrópica, sem fins lucrativos que, através de suas filiais distribuídas em todo território nacional, busca minorar o sofrimento humano e proporcionar a paz duradoura entre todos os povos. O princípio de Henri Dunant, seu criador, é o pensamento moral da importância da vida de uma pessoa, o desejo de aliviar um pouco as torturas de tantos infelizes, ou de reavivar seus espíritos abatidos, a atividade forçada ou incessante que se impõe em tais circunstâncias que dão uma energia nova e suprema que produz algo semelhante a uma

sede de ajudar o maior número possível de pessoas, princípio que Virgínia adquiriu na Cruz Vermelha e usou com seus doentes durante a II Guerra Mundial.

A Escola Técnica de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, filial Rio de Janeiro, é considerada uma das mais antigas escolas de formação técnica de enfermeiros do país. A primeira turma foi formada há mais um século, em 1917, ano que Virgínia nasceu. A mesma tem muitos motivos para celebrar os mais de cem anos de existência pois desde 2008, quando passou a ser administrada pela filial Rio de Janeiro, sendo a maior instituição humanitária do planeta, essa escola já formou mais de mil profissionais hoje exercendo atividades em diversas unidades hospitalares em todo o país.

Na época que Virgínia concluiu o curso de Samaritana da Cruz Vermelha Brasileira na filial Rio de Janeiro, esta instituição também tinha um outro curso ministrado para formação técnica e ainda o curso de voluntárias socorristas, numa formação emergencial e rápida com alta procura, motivada pela contingência da guerra, no qual várias de suas colegas enfermeiras na II Guerra Mundial fizeram.

Antes de eclodir a II Guerra Mundial, Virgínia participou de um concurso de cartazes realizado pela Cruz Vermelha Brasileira e classificou-se em 2º lugar, ganhando a medalha de prata por seu belíssimo talento para desenhar com “bico de pena”.

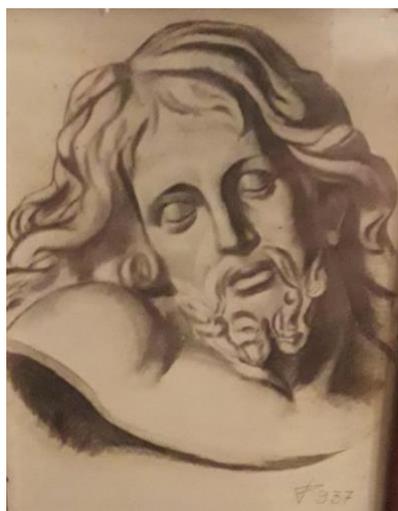


Figura 5 - DESENHO DE VIRGÍNIA QUE GANHOU O CONCURSO EM 2º LUGAR - ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA

CAPÍTULO 2: A trajetória de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero como enfermeira durante a II Guerra Mundial

A divulgação da mobilização civil pela imprensa da época sobre a II Guerra Mundial, no caso das enfermeiras, a convocação pelo jornal *O Globo* do dia 9 de outubro de 1943, foi a forma pela qual Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero teve acesso à

informação sobre o voluntariado para a II Guerra Mundial e, sem o conhecimento de seus pais, se inscreveu. A razão da sua inscrição como voluntária é movida pelo sentimento de filha de militar que sempre esteve à disposição da pátria, e também pela vocação de enfermeira em servir ao próximo. Porém, o fato determinante foi a revolta com os alemães por estarem bombardeando os navios brasileiros. Virgínia ouvia falar nisso e pensou então em fazer um curso para também ir para a guerra a fim de cuidar dos militares e assim o fez. Quando saiu a convocação publicada na imprensa, ela foi em casa, apanhou os documentos, sem dizer nada a ninguém e se apresentou. Quando a noite chegou, o jornal começou a publicar os nomes, começaram a telefonar e aí seus pais tomaram conhecimento. Sua mãe ficou desolada.

Virgínia, uma vez inscrita, participou do processo de seleção e quando foi dispensada pelo setor médico, ficou indignada pois quando se apresentou para o exame de saúde, o tenente a olhou de longe e a reprovou, sem nem sequer a examinar; nem pulso, nem pressão, nada. Em casa, Virgínia conversou com seu pai que, ficando preocupado com o estado de saúde da filha, colocou a farda e foi junto com ela saber o que tinha acontecido. Ao chegar ao serviço médico, Tito Portocarrero foi informado que não havia problema de saúde algum com os exames de Virgínia, mas houve uma ordem superior do Ministro, primo de Dinah, para reprová-la. A mãe de Virgínia havia recorrido ao parente para tentar impedir sua filha de ir para a guerra. Tudo isso em vão, pois o pai de Virgínia, um militar de brio, disse que se ela se voluntariou sem perguntar a família, ela iria, pois estava habilitada e Portocarrero nenhum nega fogo assim não; se ela se apresentou, agora teria que ir. Ele era rigoroso, mas um pai muito amoroso. Ao mesmo tempo que sofreu bastante, tinha um orgulho enorme da filha.

A organização do Quadro de Enfermeiras era urgente; e assim o Exército aceitou mulheres, voluntárias, com diferentes tipos de formação e experiência. Como pré-requisito, deveriam ser brasileiras natas, solteiras ou viúvas e até aceitariam mulheres casadas desde que com o consentimento do marido, ter entre 22 e 45 anos de idade e alguma formação em enfermagem. Um grupo de enfermeiras era “diplomada” pois, havia cursado nível superior em escolas da época, como a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), a Escola Alfredo Pinto (EAP) e a da Universidade de São Paulo (USP). Esse grupo representou a minoria do efetivo e o curso tinha duração de três anos.

O grupo no qual a enfermeira Virgínia estava incluída era o de “Samaritanas”, formadas pela Cruz Vermelha Brasileira em um curso ministrado em um ano. A maioria das enfermeiras da FEB, no entanto, era de “voluntárias socorristas”, também formadas em curso pela Cruz Vermelha Brasileira, com duração de três meses, numa formação

emergencial e rápida com alta procura, motivada pela contingência da guerra. Muitas mulheres que concluíram este curso trabalhavam em outras áreas, não possuíam nenhuma experiência na área da saúde e procuraram a enfermagem especificamente com o objetivo de seguirem para o voluntariado da guerra. O que gerou posteriormente disputas dentro da FEB e também quando elas foram reintegradas ao quadro do Exército.

Era um grupo bastante heterogêneo quanto a condição e origem econômica, muito embora carregassem bagagens acadêmicas, formação e experiência muito diversas, muitas enfermeiras compartilhavam o passado militar nas veias: eram descendentes de generais e almirantes brasileiros, como a enfermeira Helena Ramos e eram de alguma forma ligadas à vida militar, com parentes ou amigos na FEB. As enfermeiras Aracy Arnaud Sampaio, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero e Lúcia Osório descendiam de heróis da Guerra da Tríplice Aliança.

Eram mulheres à frente do seu tempo, de família de classe média e alta, algumas já trabalhavam ou estudavam. Eram mulheres que tinham o desejo patriótico forte, com uma série de fatores que as levou a serem voluntárias. Havia também outro desejo, o delas serem independentes, de seguirem uma carreira diferente e que até então, era fechada para elas e não apenas serem donas de casa e mães porque não era só isso o que elas desejavam.

Todas, inclusive Virgínia, tiveram que passar pelo Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) que seria a adequação dessas enfermeiras à vida militar, sendo ministrado conhecimento próprio de saúde militar, de emergência no campo de batalha e também aulas de educação física, resistência e evacuação rápida.

Sobre o treinamento, a pesquisadora Margarida Bernardes colheu o depoimento da enfermeira Virgínia para sua dissertação de mestrado, em que ela relatava que o treinamento todo era muito pesado. Elas amanheciam no Hospital Central do Exército e lá ficavam até às 12 h. Depois pegavam um ônibus para um restaurante ao lado da Central do Brasil para almoçar e entravam às 13h nas aulas teóricas na Diretoria de Saúde, no Centro, antigo Ministério do Exército. Acabando isso, pegavam um ônibus ali mesmo, da Central para a Urca e iam para a Escola de Educação Física. Só eram liberadas seis horas da noite, tinham o dia inteiro de treinamentos diferentes.

O treinamento foi realizado nas principais clínicas do Exército nas quais as enfermeiras aprendiam a transportar os feridos, eram feitos exercícios físicos para treinar o corpo na Fortaleza de São João no Rio de Janeiro com a direção da professora Íris Rodrigues Belo e faziam aulas de natação com a campeã de natação Maria Lenk. O curso durou por volta de oito meses, conforme Virgínia declarou, com aulas teóricas na

Diretoria de Saúde, aulas práticas no Hospital Central do Exército e atividades físicas na Fortaleza de São João. O curso era ministrado de segunda a sábado, em regime integral com provas teóricas e plantão.

Seguiram de fato para a guerra, da primeira turma do CEERE, trinta e sete enfermeiras. Outras treze enfermeiras formadas pela segunda turma também foram reunindo assim vinte e uma alunas. O Rio de Janeiro foi o estado onde teve o maior número de voluntárias, talvez porque fosse a capital federal na época. A FEB contou ainda com outras dezessete enfermeiras, formadas pelo curso ministrado nas Regiões Militares sediadas no Ceará, em Minas Gerais, na Bahia e no Paraná. O efetivo total foi de sessenta e sete enfermeiras.

O efetivo da Força Aérea Brasileira (FAB) era formado por outras seis enfermeiras, todas diplomadas pela Escola de Enfermagem Anna Nery, que compuseram a FEB na Itália durante a guerra. Tendo recebido inclusive treinamento nos Estados Unidos antes do embarque, essas mulheres, de formação profissional, terminaram tendo experiência bastante diversa das enfermeiras da FEB durante e após a guerra devido a um acordo direto com as Forças Armadas.

Virgínia concluiu o curso em março, apresentou-se como voluntária, e foi convocada para a FEB, por Portaria Ministerial nº 6.382, de 20 de abril de 1944, como Enfermeira de 3ª Classe. Com uma missa realizada na Igreja Nossa Senhora da Candelária, no centro do Rio de Janeiro, Virgínia seguiu abençoada para a Itália. A família Niemeyer Portocarrero rumou para a II Guerra Mundial com quatro representantes. Virgínia e três primos-irmãos, a quem ela amorosamente chamava de “irmãos-primos”. Uma família brasileira com quatro jovens membros zarpando para atuar em uma guerra mundial, correndo perigo iminente e real de vida.

Virgínia, junto a quatro companheiras, seguiu para a guerra integrando o primeiro contingente de enfermeiras, numa viagem bastante tensa, partindo do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, na madrugada de 7 de julho de 1944, aos 27 anos. Este grupo chegou a Natal, onde pernoveram na base de Parnamirim. Na manhã seguinte, começaram a travessia rumo à África, onde aterrissaram em várias bases americanas. Somente em Argel souberam que iriam para Nápoles na Itália. A travessia do Mediterrâneo deu-se em um quadrimotor americano. Chegaram antes mesmo das tropas brasileiras, o que ocorreu em Nápoles dia 16 de julho. Ao contrário dos homens da FEB que foram em navios americanos, todas as enfermeiras foram de avião.

Em 11 de agosto de 1944, no Boletim Interno da FEB de número 9, as enfermeiras foram “arvoradas” ao posto de segundo tenente, terminologia militar utilizada para esta

situação, quando um militar exerce provisoriamente a função de outra patente. Essa terminologia militar foi criada exclusivamente pelo Comandante Mascarenhas de Moraes para regularizar a situação das enfermeiras brasileiras que chegavam ao *front* porque elas não tinham patente militar quando chegaram e precisavam ser definidos locais de refeição e outras coisas referentes a hierarquia militar e também o soldo (pagamento).

Seriam, a partir de então, oficialmente mulheres militares. O soldo, no entanto, continuou equiparado ao de 3º Sargento, hierarquicamente inferior, o que já denotava discriminação quanto às mulheres. Porém, na guerra observa-se uma mudança significativa em relação ao que era relegado às mulheres na época. Michelle Perrot descreve as mudanças ocorridas na constituição do trabalho exercido pela mulher ao longo do tempo e afirma que a maioria dos empregos ocupados por elas eram marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino, dando importância ao corpo e as aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são do devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc.³¹

A enfermagem estava inserida no rol das “profissões permitidas” às mulheres naquela época e o contexto de guerra, um ambiente extremamente masculino, algo relegado aos homens e este papel exercido na guerra aumentava o ambiente de atuação feminino. No exercício da profissão de enfermagem, este papel essencialmente feminino se mantém.

A profissão de enfermagem estava na margem restrita de possibilidades de atuação da mulher no ambiente urbano, ao lado de “donas do lar” e algumas poucas

profissões como vendedoras em comércio sendo este, muitas vezes, ligados à família. Mas o contexto de guerra transportou essa enfermagem exercida em ambiente “seguro” moral e fisicamente, a um ambiente instável, inóspito e complexo de guerra. A divulgação de fotografias nas páginas centrais dos jornais gerou visibilidade ao grupo que, à frente de seu tempo, impôs a força da presença feminina em um universo eminentemente masculino, conquistando um campo inédito na história da Enfermagem Brasileira.

Joaquim Xavier da Silveira, ex-pracinha da FEB que escreveu seu livro de memórias *A FEB por um soldado*³², diz que o corpo de enfermagem era um quadro inexistente no exército e causou uma série de problemas no processo de implementação e

³¹ PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

³² SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

aceitação, já que o exército nunca havia permitido mulheres em seu contingente antes.³³ Este papel fundamentalmente feminino, de algum modo, permanece no exercício da profissão de enfermagem. Virgínia muitas vezes relatou em suas cartas, a atenção “materna” que mantinha com seus doentes assim como a estima que eles tinham por ela, como fica explícito em cartas que os mesmos remetiam à enfermeira elogiando sua atenção e carinho. Dois de seus pacientes escreveram cartas que serão mostradas adiante.

Virgínia também escreveu em suas cartas sobre o trabalho da mulher na guerra relatando páginas da história do Brasil, descrevendo como são ricas de exemplos de bravura da mulher brasileira, como Ana Nery, Maria Quitéria, Ludovina Portocarrero, Joana Angélica e tantas quantas pretendêsemos citar para nosso orgulho. Certo, que não seria a geração dela que haveria de empanar o exemplo de amor ao próximo que elas nos legaram nos Campos de Batalha, nas lutas pela independência e nos bravios sertões de Mato Grosso. As enfermeiras da FEB, teriam de ser, como fossem, as continuadoras desse renome cívico, da mulher brasileira, que era adorável no lar, era mãe extremosa, sem perder um só instante de amor pátrio, pelo qual enfrenta qualquer sacrifício.³⁴

Consta um outro relato de Virgínia, em suas cartas, que demonstra haver uma certa mobilização feminina organizada no Teatro de Operações pois, haviam reuniões onde eram discutidos todos os assuntos deficientes ou aprovados no Teatro de Operações. Eram lançadas ideias que por ventura viessem a melhorar a situação das mulheres

militares na guerra. Qualquer assunto podia ser ventilado e elas anotavam, comentavam e gostavam de sugestões. Participavam dessas reuniões oficiais enfermeiras e também oficiais dos serviços auxiliares, e sargentos motoristas.³⁵

No curso preparatório feito no Brasil, as enfermeiras foram treinadas com o propósito de incorporarem o estilo militar, de se prepararem para agir como militares, com papéis diferentes, mas militares, ainda que naquele momento. No *front* não existia mulheres brasileiras atuando na linha de frente, mas os hospitais de campanha que ficavam perto das áreas de combates incorporavam as enfermeiras no Teatro de

³³ Ibid., p.107.

³⁴ SOUZA, Larissa Velasquez. Memórias da FEB: Uma abordagem de gênero. A inserção de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero na carreira militar. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2012.

³⁵ SOUZA, Larissa Velasquez. Memórias da FEB: Uma abordagem de gênero. A inserção de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero na carreira militar. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2012.

Operações, oferecendo contato com todo o cotidiano de guerra com a política da guerra, com o inimigo e com as opiniões dos soldados brasileiros.

Em depoimento a Margarida Rocha Bernardes, Virgínia afirma que resolveu ir à guerra, porque pertencia a duas famílias de militares que sempre lutaram muito.³⁶ Por parte de mãe, Niemeyer, descendente do Marechal Conrado Jacob de Niemeyer que esteve na guerra do Paraguai e por parte de pai, descendente do General Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Barão do Forte Coimbra, que comandou a Guerra do Paraguai no Mato Grosso, onde sua esposa o acompanhou com filhos e tudo ajudando os feridos e fazendo munição para os soldados. As histórias da família que ela ouvia desde muito nova, a deixou com muito orgulho e a tocava bastante. Quando os navios brasileiros foram torpedeados, um momento muito triste no Brasil e ela terminando o curso de Samaritana da Cruz Vermelha, achou que tinha obrigação de se apresentar.³⁷

Nesse relato de Virgínia, nota-se a influência não só de uma profissão, mas de uma cultura e um discurso militar transmitido através das gerações. Virgínia conta ainda que os homens da família estudavam em colégios militares, e como isso não era permitido para mulheres naquela época, a elas cabiam estudar em colégios de freiras para a instrução primária, onde aprendiam trabalhos manuais, educação religiosa, aulas de piano, enfim uma educação tradicional para meninas.

A influência militar da família sobre Virgínia foi decisiva na escolha de sua atuação profissional. Formada em um Curso de Aperfeiçoamento em Arte Decorativa,

Virgínia não teve dúvida em realizar o curso de Samaritana na Cruz Vermelha Brasileira pois era a única maneira de ingressar na carreira militar em um momento onde a mesma era fechada às mulheres.

Em entrevista a Margarida Bernardes, quando perguntada sobre os estudos no Colégio Pedro II, sua habilidade para desenho, e a vontade paterna para que fosse engenheira, Virgínia afirma que ela queria mesmo era ser militar, queria ser homem e militar, mas naquela época só os meninos podiam, então, ela foi estudar no Colégio Pedro II. Mas a vontade dela mesmo era ser homem e militar.³⁸

³⁶ <https://youtu.be/Dv4-ZAkj07Y> Entrevista de Virgínia concedida a prof. Margarida Bernardes em ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – DOCUMENTÁRIO ACADÊMICO.

³⁷ Ibid., p.08.

³⁸ BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

Em seu discurso, Virgínia deixa evidente uma oscilação entre uma afirmação do papel feminino tradicional à época e de uma reivindicação por uma extensão desse papel sutilmente. Ela não só afirma que queria ser militar, mas que gostaria de ser “homem e militar”, denotando a aceitação do discurso social e da tradição de que só homens poderiam pertencer ao mundo militar. Mary Del Priore, particularmente em sua obra *Sobreviventes e Guerreiras*³⁹, afirma que compreender a construção do patriarcalismo é crucial, pois somente a partir dessa percepção é possível militar pela sua decomposição. No contexto de guerra, essa militância pode também ser lida nas vidas de diversas mulheres, sobreviventes e guerreiras, entre as quais a da Capitã Virgínia Portocarrero, e outras enfermeiras da FEB.

Todavia, a indignação com a falta de reconhecimento da participação das mulheres também se faz presente quando Virgínia menciona que apenas doze anos depois da FEB ter regressado, uma grande injustiça foi reparada. As enfermeiras que desejaram foram designadas para o exército no posto de segundo tenente, sendo promovidas mais tarde a primeiro tenente, trabalhando nos estabelecimentos hospitalares da organização. Na reserva, algumas nos postos de tenente e outras capitã, gozaram do merecido reconhecimento pelos serviços prestados. Foram 12 anos de luta para vencer os entraves burocráticos e superar a incompreensão daqueles que não viam com bons olhos elementos

femininos participarem do contingente do exército. As enfermeiras venceram mais essa batalha.⁴⁰

Chegando na Itália, Virgínia foi designada para o 182º Station Hospital, em Nápoles permanecendo lá até agosto de 1944, quando foi transferida para o 105º Station Hospital, em Tarquinia exercendo as funções na enfermagem de cirurgia, sendo incorporada ao V Exército Norte Americano, subordinado ao General Mark Clark.

³⁹ DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

⁴⁰ SOUZA, Larissa Velasquez. Memórias da FEB: Uma abordagem de gênero. A inserção de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero na carreira militar. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2012.

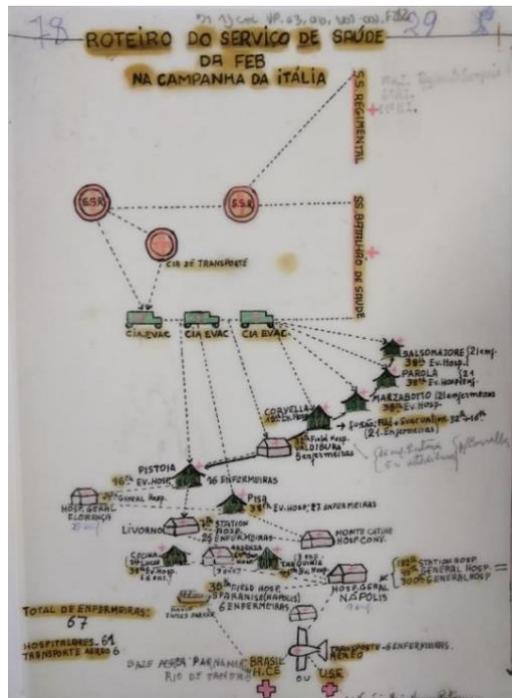


Figura 6 – DESENHO DE VIRGÍNIA PORTOCARRERO. ROTEIRO DO SERVIÇO DE SAÚDE DA FEB - ACERVO COC FIOCRUZ.

No roteiro do serviço de saúde da FEB desenhado por Virgínia na figura acima, é possível visualizar a estrutura do sistema de saúde aliado na guerra, no qual estavam inseridas as enfermeiras brasileiras desdobrado no terreno. Convém destacar que antes do ferido ser levado para a estrutura hospitalar, ele recebia o atendimento inicial dos enfermeiros e médicos da estrutura do serviço de saúde dos batalhões e regimentos. A estrutura hospitalar compreendia: a) Hospital de Campanha (*Field Hospital*), era o mais próximo do *front*. Nele era prestado o atendimento inicial aos pacientes que não podiam ser transportados em consequência da urgência da intervenção cirúrgica, que chegava a

ser feita sobre a própria padiola; b) Hospital de Evacuação (*Evacuation Hospital*). No desenho, percebe-se que progrediu por várias localidades. Nele eram realizadas cirurgias e tratamento de doenças infectocontagiosas; c) Hospital de Estacionamento (*Station Hospital*) que era mais bem estruturado e recebia pacientes com órgãos perfurados, membros amputados e fraturas mais graves, que exigiam internação mais prolongada; d) Hospital de Convalescentes (*Convalescent Hospital*). A denominação é autoexplicativa; e) Hospital Geral (*General Hospital*) que era o único dotado de uma estrutura de hospital de tempo de paz. Desse último, os doentes mais graves e os amputados eram evacuados para o Hospital Central do Exército (HCE) no Brasil ou para os Estados Unidos, dependendo da complexidade do tratamento a que teriam de ser submetidos. O Serviço de Saúde do Exército (SSE) era composto por médicos, dentistas, enfermeiros e padioleiros, que tinham o auxílio dos responsáveis pelos sepultamentos, quando se fazia necessário.⁴³

A evolução das tropas no terreno impunha mudanças constantes. A mobilidade era característica marcante no serviço de saúde, sobretudo nos hospitais de campanha, recorda Virgínia que usava a cama-rolo em cima de uma lona onde ela colocava as roupas e cobertores estendidos para no caso de mudança rápida e abrupta ser fácil enrolar a cama com a roupa dentro e carregar. Por precaução, estava sempre tudo arrumado.



Fotografia 7 - ENFERMEIRAS PRONTAS PARA MUDANÇA DE BASE, EM PISTOIA. VIRGÍNIA AO CENTRO. ACERVO COC FIOCRUZ

Virgínia, até o final da guerra, prestou serviço em 11 localidades e hospitais diferentes e diz que sua principal atividade foi em enfermarias de cirurgia e em salas de operação em hospitais na qual ela relata que muitas vezes o soldado nem percebia que havia sido amputado, pois a perna era enfaixada e era colocada uma espécie de prótese

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da Guerra*. Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.

no local. Quando o soldado dizia que sentia dor no pé, e nem tinha mais perna, ela fazia como se ele realmente ainda tivesse o pé; colocava um travesseiro embaixo para deixar mais confortável; fingia mesmo para o bem dele. Às vezes entrava uma pessoa na enfermaria e dizia que queria falar com o fulano que perdeu uma perna. Ela não o deixava falar e explicava que poderia até visitá-lo, mas sem mencionar que o fulano perdeu a perna porque eles não sabiam. Essa era a orientação que as enfermeiras seguiam no Teatro de Operações; era a ordem, e elas cumpriam.⁴¹



Fotografia 8 - SALA DE OPERAÇÕES EM PISTOIA - ACERVO COC FIOCRUZ

Virgínia lembra que, nas enfermarias durante os bombardeios, era comum ver soldados que mal podiam se mexer, ao ouvirem o som das granadas, sentarem na cama e dizerem ‘Viva o Brasil!’ Alguns até faziam continência. Era emocionante ver aquilo. Por vezes, ela saía da enfermaria chorando; ia até a barraca, lavava o rosto, se pintava direitinho e voltava, como se nada houvesse. Na hora em que estava em serviço, como eram muitos leitos, não dava para dar uma assistência específica aos pacientes; mas nas horas de folga ela voltava à enfermaria para prestar solidariedade. Ela conversava com eles e escrevia cartas para quem estivesse imobilizado. Eles ditavam, e ela escrevia; depois, mandava para a família. Virgínia destaca que nas enfermarias todos recebiam o mesmo tratamento. As enfermeiras atendiam a qualquer um; até alemão que era prisioneiro, era ali que ficava. Eram todos pacientes, sem distinção.

Acrescenta que o trabalho de enfermeira era bastante sofrido, mas sempre dava alento físico e emocional aos feridos, fazendo muitas vezes o papel de psicóloga. Virgínia

⁴¹ . Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.
FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da Guerra*

recorda bem de ter cuidado do primo irmão Hélio e diz que foi bem difícil, pois ver um ente querido da família ferido com mais de 60 estilhaços de bomba não foi nada fácil.

Mas também relembra que ninguém sentia dor, porque já naquela época o americano achava que a dor prejudicava muito o soldado; então ele não podia sofrer. A medicação principal era a penicilina, que salvou muita gente. Na época, tinha que ser guardada na geladeira e era ministrada de três em três horas. Quando as enfermeiras terminavam de dar injeção no último, já era hora de recomeçar no primeiro... Era um rodízio. A penicilina era o único remédio contra a dor e contra a intoxicação que era usado nas enfermarias e Virgínia diz, ainda que na guerra, tudo era assim, muito bem organizado.



Figura 9 - VIRGÍNIA NA FILA DO POST EXCHANGE - ACERVO COC FIOCRUZ

Nunca a vaidade feminina era deixada de lado. Para realçar a feminilidade, já que o uniforme cedido às enfermeiras era muito rústico, Virgínia relata que comprava roupas, maquiagem e outros artigos femininos em um *post exchange* (P.Ex.) americano, que era uma espécie de cantina dentro de bases americanas que vendiam artigos diversos a preços especiais. Tinha ruge, batom, pintura para cílios; tinha maquiagem completa. Havia celebração nas datas especiais como Natal, Ano Novo e Páscoa, comemoradas na barraca com as colegas americanas. Elas compravam lembrancinhas no post exchange (P.Ex.) e trocavam entre elas. Aquilo recordava demais as famílias delas. Elas se abraçavam e confraternizavam, mas acabavam chorando devido a saudade dos entes queridos. E assim acabava a festa.⁴⁵

Virgínia disse ainda que não tinha nada a reclamar quanto ao tratamento na FEB e que todos sempre foram muito corretos. Eles determinavam tudo muito direito, então não tinha nada do que se queixar. Ela disse que quis estar lá. O relacionamento entre as FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da Guerra*. Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.

enfermeiras no hospital em que ela serviu era esplêndido; não tinha queixa de nenhuma colega. Virgínia conta que a única colega brasileira que queria mandar, as enfermeiras

não davam bola pois ela era metida a mandar, e não encontrava apoio algum... Conheceu várias outras e todas eram muito distintas.

Nas cartas encaminhadas ao pai Tito, transformadas em seu “diário de guerra”, Virgínia fala de inovações médicas e receituários, noites insones e dedicação aos pacientes nas enfermarias. Nesses relatos, são perceptíveis a angústia e o medo da guerra; contudo, sobressaem a coragem de enfrentar as adversidades, a alegria pelo sucesso do trabalho, o profundo sentimento de solidariedade pelos pacientes e o amor à profissão escolhida. Em 22 de Agosto de 1944, Virgínia deslocou-se em comboio para Ardensa, se apresentando ao 64º General Hospital.

Em 26 de Agosto, novamente o comboio deslocou-se e foi servir no 38º Evacuation Hospital em Cecina. Em 15 de Setembro de 1944, foi com o 38º Evacuation Hospital para Cecina e segundo Virgínia, quando a tropa avançava, elas avançavam também. Essa mobilidade foi posta à prova em Pisa no dia 2 de novembro de 1944, quando uma enxurrada consequente do rompimento de uma represa obrigou à mudança emergencial da enfermaria. Já era madrugada e Virgínia estava dormindo quando soou o alarme. Sempre que ele tocava, ficava alerta, pois vinha uma notícia. A ordem era se apresentar na enfermaria imediatamente, deixando tudo onde estava. O rio Arno estava transbordando.

Naquela situação, no frio e no escuro, a prioridade eram os pacientes disse Virgínia, as enfermeiras não podiam sair da enfermaria enquanto houvesse algum baixado em perigo; só depois de todos serem evacuados que elas puderam cuidar delas mesmas. Por esta conduta naquela madrugada recebeu um belo elogio. Por ocasião da inundação que invadiu o 38th Ev.H. (38º Hospital de Evacuação), em 2 do mesmo mês, o Sr. Maj. Med. Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, em Bol. Int. nº 33, de 9-XI-944, se expressou citando como exemplo digno a ser seguido por todos os que se sacrificam pela causa da liberdade e serviço do Brasil. Diz que tem muita satisfação de elogiar e louvar a Enfermeira Virgínia Maria De Niemeyer Portocarrero, que se destacou pela capacidade de trabalho, dedicação e carinho com que atendeu aos seus pacientes durante a madrugada de calamidade, bem assim no dia consecutivo, tendo sempre uma palavra de conforto para os doentes mais graves, encarnando bem o papel de enfermeira brasileira, a sua ação foi de grande eficiência, não só na parte administrativa, recolhendo, logo no início da catástrofe, juntamente com outra colega, toda a

documentação e medicação necessárias aos pacientes, tornando, assim, fácil a missão de seu chefe.⁴²



Fotografia 102 - 38° EVACUATION HOSPITAL, EM PISA, INUNDADO PELO RIO ARNO – ACERVO MIS

Em 12 de novembro de 1944, rumaram para Pistoia e Virgínia foi servir no 16°evacuation Hospital na 16ª enfermaria.



Fotografia 11 - VIRGÍNIA EM PISTÓIA - ACERVO COC FIOCRUZ

De 4 a 8 de dezembro de 1944, ficou internada por ter sido operada de emergência devido a apendicite supurada, retornando ao trabalho 7 dias depois. Mais uma vez, acompanhando o deslocamento rápido da tropa, Virgínia chega dia 30 de dezembro de 1944 em Parola.

⁴² FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da Guerra*



Fotografia 12 - 16º EVACUATION HOSPITAL, EM PISTÓIA, COM ÁREA CENTRAL DESTRUÍDA POR INCÊNDIO - ACERVO MIS



Fotografia 13 – 16º EVACUATION EM PISTÓIA HOSPITAL INCENDIADO - ACERVO COC FIOCRUZ

Em 21 de fevereiro de 1945, os pracinhas brasileiros conseguiram, em pleno inverno, tomar a fortaleza alemã de Monte Castello, onde se travou a batalha mais significativa da Força Expedicionária Brasileira. Seu relato, escrito na carta após a noite de 21 de fevereiro, foi preservado na íntegra e se encontra no chamado “Diário de Guerra”, transcrito abaixo:

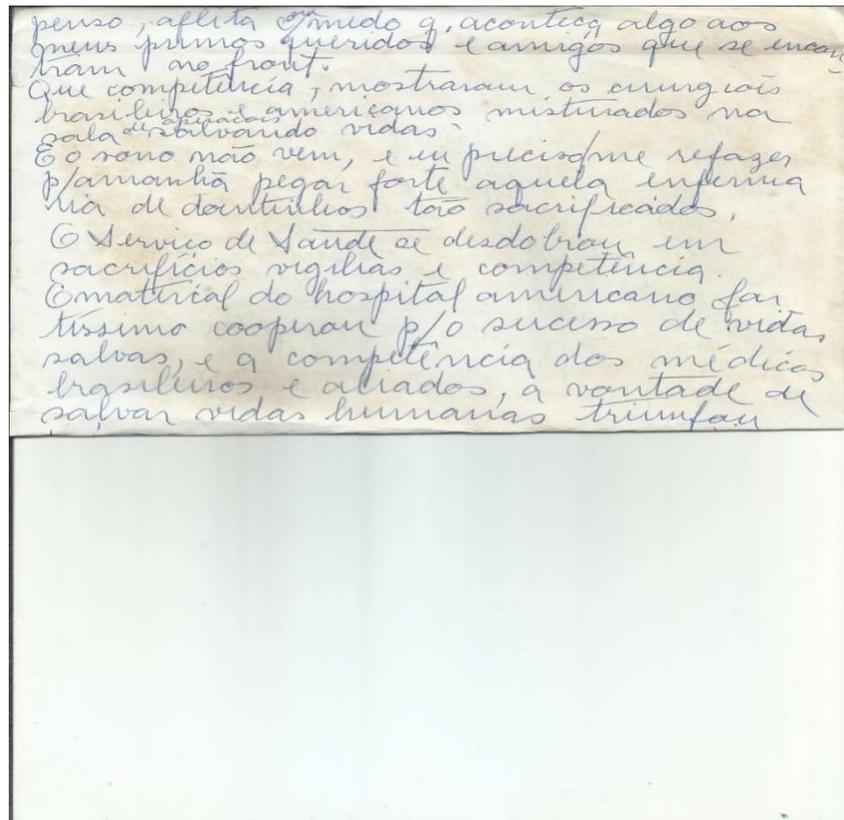
. Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.

Dia 21-02-45 - Combate de Monte Castelo, norte da Itália - Front dos Apeninos.

O Regimento Sampaio foi escolhido para este combate. Enfermaria cheia. Quanta mutilação. Quanta Miséria. Eu estou triste. Tanta gente baixada. Quanto sofrimento; que dias cansativos. Quanta gente chegou. Enfermaria lotada, 60 leitos. Eu sofro com eles. Cuido com maior carinho destes queridos heróis. Na sala de operações o aspecto é terrível. Pedacos humanos recolhidos em carrinhos de mão e enterrados em enormes crateras nos fundos do hospital. Que coisa terrível é a guerra. As equipes médicas se desdobraram em operações sucessivas. Os sargentos enfermeiros e nós, enfermeiras, trabalhando em horários cansativos e extenuantes. Como sofremos vendo nossos doentinhos, ainda entorpecidos pelas anestésias, dormindo sem pressentir suas mutilações. Estou escrevendo estas notas depois desta noite horrórosa que passei. Larguei meu serviço às 7 horas da manhã; já são 10 horas e o sono não vem. As mutilações me tiram o sono e, agora, em minha barraca, saturada de emoção e cansaço moral enorme, estou sem sono completamente, e me espanto escrevendo o que de dentro de mim extravasa. As chegadas foram em massa. Como sofri. São homens que nunca vi; entretanto sofro com eles. Fico em suspenso, aflita com medo que aconteça algo aos meus primos queridos amigos que se encontraram no *front*. Que competência mostram os cirurgiões brasileiros e americanos, misturados na sala de operações, salvando vidas. E o sono não vem, e eu preciso me refazer para amanhã pegar forte aquela enfermaria de doentinhos tão sacrificados. O serviço de saúde se desdobrou em sacrifícios, vigílias e competência. “O material do hospital americano fartíssimo coopera para o sucesso de vidas salvas, e a competência dos médicos brasileiros e aliados, a vontade de salvar vidas humanas, triunfou.”⁴³

⁴³ Carta do acervo COC FIOCRUZ.

da Itália - front dos Apenninos
6 Reg. ^{Parapente} foi escolhido para este combate.
Enfermaria cheia. Quanta mutilação, Quanta
sombra. Eu estou triste. Quanta gente baixa
da. Quanta sofrimento, dias consecutivos.
Quanta gente chegou. Enfermaria lotada
60 leitos. Eu sou o chefe (Cundo e/o)
caminho destes queridos heróis.
Na sala de operações o aspecto é terrível.
Pedacos humanos recolhidos em carri-
nhos de mão e enterrados em enormes
crateras nos fundos do hospital. O cenário
terrível é a guerra.
As equipes médicas se deslocam
em operações sucessivas. Os sergentes
infermeiros e nós enfermeiras trabalhamos
em horários consecutivos e estenuantes.
Como sofremos vendo nossos doentes
ainda intorpecidos pelas anestésias domin-
do sem perceber suas mutilações.
Estão escrevendo estas notas depois
desta noite horrível, que passou. Lançei
o meu serviço às 7hs da manhã e já
são 10hs e o sono não vem. As mutilações
me tiraram o sono e agora em minha
barraca saturada de inocação e cansaço
moral enorme, estou sem sono comple-
tamente e me espando escrevendo o que
de dentro de mim estravaço.
As chegadas foram em massa.
Como saí. Não homusque nunca.
Embriante sofro por eles. Fico em sus-



Em 02 de abril de 1945, tendo se deslocado de Pistoia para Corvella, foi servir no 15º Evacuation Hospital. Deste hospital, foi para a região de Marzaboto, voltando a servir no 38º Evacuation Hospital. Volta a Parola em 30 de abril de 1945. O sentimento de gratidão amenizava as agruras das batalhas. Recebeu uma carta de agradecimento de um ferido, o Sargento Inácio de Loyola de Freitas Virgolino do Regimento Sampaio, mais conhecido como Sargento Virgolino que traz detalhes históricos de suma importância, não só sobre a enfermeira que o tratou, mas sobre a função que desempenharam as enfermeiras na guerra.

Independentemente de país, bandeira ou ideologia, é possível depreender sentimentos que movem os profissionais de enfermagem: humanismo e solidariedade, expressos na carta foi transcrita abaixo:

Pistoia — Itália. Enfermaria 3 de Cirurgia

Tenente, de quando em vez me vem na cabeça o tempo em que eu fui prisioneiro dos alemães.

A senhora fez bem em dar igual tratamento a esses homens que são na guerra os nossos inimigos. Esse artigo que saiu hoje no jornal do hospital, tirando a ração de cigarros dos brasileiros me fez pensar

profundamente, e quando vejo a senhora distribuir a sua ração porque a senhora não fuma e por isso mesmo perdê-la, é uma coisa muito bonita. Quando a senhora colocou aquela caixa de papelão lá no fundo da enfermaria e escreveu *Caixa da Enfermaria* e alto falou conosco, lendo a notícia publicada, como calou fundo no meu íntimo.

A senhora disse: ‘Vocês não deem os seus cigarros para os alemães, pois a notícia anuncia que o brasileiro que isto fizer vai perder o seu direito de racionamento do cigarro. Eu não fumo; então coloquem os cigarros que vocês quiserem dar aos alemães nela porque eu assumo.’ Que bonito ver este gesto de coragem partir de uma mocinha tão nova e tão firme. A senhora é enfermeira de verdade; está escrito no seu coração a profissão que a senhora nasceu. Foi Deus que lhe fez enfermeira.

Eu fui prisioneiro dos alemães e estive também hospitalizado; as enfermeiras alemãs me trataram muito bem e os médicos também. É verdade que não havia no hospital tanto recurso como neste aqui. Porém, calor humano e tratamento eu tive.

Tenente, quando a comida era pouca eu me lembro, só havia batata para comermos, pois todos sem diferença de raça recebiam uma batata. Eu aprendi a apreciar a maneira dos alemães. A senhora continue dando este tratamento igual em sua enfermaria.

Eu, como brasileiro, me orgulho da senhora, anjo de caridade do meu Brasil.

Eu apreciei o tratamento que recebi dos alemães e me orgulho da maneira piedosa e eficiente que a senhora nos trata; e obrigado por ter vindo para a guerra, cumprindo a sua missão com tanta eficiência e dando a nós brasileiros a garantia de estarmos sendo atendidos com toda competência e não distinguindo ninguém, tratando a todos com todo o cuidado que, embora eu ainda estando muito machucado, mutilado até eu me sinto seguro tendo a senhora como enfermeira.

Obrigado Tenente Virgínia, desculpe a letra; estou escrevendo há dias esta carta com a mão esquerda, pois a direita está gessada. Estou então muito bem atendido, que escrevo com sacrifício..., agradecimento.

Deus abençoe suas mãos e sua maneira de ser.

Tenente Virgínia. Deus a guarde, a guarde e conserve a sua bondade.⁴⁴

⁴⁴ FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da Guerra*. Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.

100 26.02.45 8/1

Pastora Italia Espumaria 3 de Curitiba 48

Torres, de quando em vez me vem na cabeça o tempo em que eu fui pra
 sobrevivência dos alemães.

A senhora fugiu em hospital tuberculoso e ali ficou que não me lembra os nomes
 que este artigo que saiu no jornal de hospital tuberculoso a respeito do Brasil
 me fez pensar profundamente, e quando veio a senhora distribuir a sua carta,
 porque a senhora não tinha e por isto fiquei pensando a uma coisa bem
 quando a senhora colocou aquela carta de papelão na mão da Espumaria e as
 decorei a Casa da Espumaria e ali fiquei comovido lendo a notícia que
 dizia como colou no seu interior.

A senhora disse: Você está com os seus olhos para os alemães, pois a
 notícia americana que o brasileiro que isto quer me contar o direito de posição
 muito de coisas. E a não ser, não abriam o direito que seria impossível
 não abriam a mão porque eu abriro. Que limite era isto que eu queria pedir
 uma gratidão ao Brasil e ao Brasil. A senhora e Espumaria a senhora
 está abriro no seu coração a progresso que a senhora deu em Deus que
 ela fez Espumaria.

Eu sei pensaria dos alemães e ali ficou hospitalizado, e Espumaria
 chamado me trataram muito bem e os médicos também. E senhora que
 me havia hospitalizado muito bem como muito aqui. Porém cada humano e hu-
 manidade aqui.

Torres quando a comida era pouco eu me lembro, senhora fa-
 zia para comer, pois todos sembraram de uma cozinha
 uma salada. Eu aprendi a apreciar a maneira dos alemães
 A senhora continua dando a mesma atenção igual em sua Espumaria
 sua.

Eu como é orgulhar me orgulho da senhora, amigo da amizade do
 meu Brasil.

Eu agradeço o tratamento que recebi dos alemães em época de guerra
 porque agradeço a sua ajuda com toda alicia e com a minha
 pois esta gratidão de vocês em todos os dias com toda a minha
 e me deitando ninguém, tratamento a todos com toda a minha
 que senhora eu vou estar muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado
 O brigadeiro Sargento Virgolino, desculpe a letra, estou escrevendo
 há dias, estou escrevendo com a preocupação porque a direita está
 ganada. Escrevendo, muito bem abençoado, que senhora com
 carinho, muito obrigado.

Deus que suas mãos e sua Espumaria sua Espumaria de gen-
 temente, muito obrigado.

Abençoado em esta Virgínia Davis a grande, grande e colar
 a esta senhora.

Sargento Virgolino
 Regimento Sampaio
 19. RI

Figura 14 - CARTA DO SARGENTO VIRGOLINO PARA VIRGÍNIA - ACERVO COC FIOCRUZ

Grato pela bondade com que foi tratado, outro pracinha ferido, identificado como Torres dedicou-lhe um poema que também está depositado no acervo da Casa de Oswaldo Cruz na FIOCRUZ, transcrito abaixo:

EXALTAÇÃO

Enfermeira do Brasil - eu agradeço A
tua solicitude e o teu carinho!

E, ajoelhado aos pés da Virgem, peço
Que de flôres, tapetize o teu caminho.

Tua infinita bondade, nunca esqueço,
Ao ver-te consolar quem, tão sósinho
Veio da guerra enfrentar rudes tropeços
Deixando o lar, a esposa e o filhinho...

Em nossos corações que sangram fundo,
Ao contemplar o estertor do mundo
Que, se torce em convulsões e ancias mil,

Existe um pedestal feito de ouro Onde
já foi colocado esse tesouro...

Mulher sublime - Enfermeira do Brasil!

À Expedicionária irmasinha senhorinha Virgínia Portocarrero com toda a amizade e
admiração de Moacyr Torres

16th Ev. Hosp. – Pistoia 31-III-45.

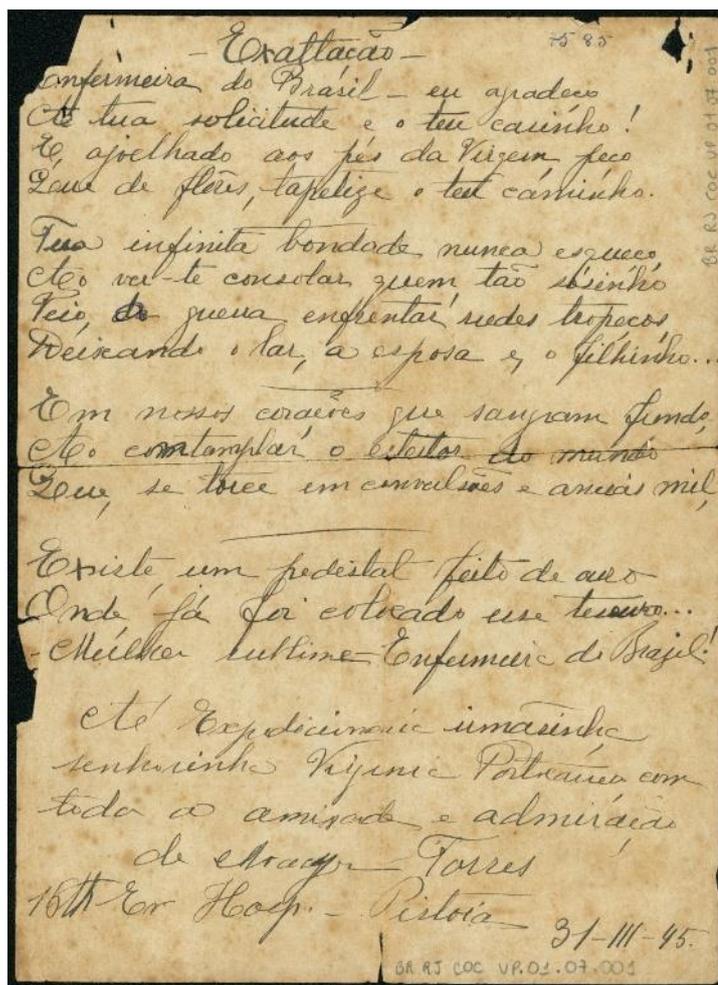


Figura 153 - POEMA DE MOACYR TORRES PARA VIRGÍNIA - ACERVO COC FIOCRUZ.

Nem só da tristeza da guerra foram feitos os dias na Itália. No mesmo recorte temporal, se encontraram Virgínia e Clarice Lispector, jornalista e escritora que acompanhava o marido, o diplomata do Ministério das Relações Exteriores, Maury Gurgel Valente. Clarice embarcou na Base Aérea de Parnamirim no dia 30 de julho de 1944 e chegou à Itália em 24 de agosto de 1944, onde permaneceu até abril de 1946. Como não haviam assistentes sociais no Exército Brasileiro, a escritora solicitou às autoridades militares permissão para realizar um trabalho voluntário, ajudando as enfermeiras no hospital em Nápoles, para onde os casos de guerra mais graves eram enviados. Visitava diariamente o hospital, escrevendo e lendo cartas para os soldados e interagindo, na busca de minorar suas dores da alma.⁴⁵ A vida de Virgínia entrelaçou-se, assim, com a de Clarice. Apesar de se manter a distância de assuntos políticos, "a seu

⁴⁵ TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. Uma estrangeira no mundo – Memórias de Clarice Lispector na Itália. In: XV Congresso Internacional ABRALIC. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

modo, Clarice agiu". Não só agiu como escreveu crônicas relacionadas a esse período vivido na Itália durante a II Guerra Mundial. Caracterizar uma obra de Clarice como crônica determina como a autora constrói este texto. Desta forma, os textos reunidos em *A Descoberta do Mundo* delimitam os territórios por onde transita a Clarice cronista e assim podemos compreender melhor esta parte significativa, porém pouco estudada, da obra da autora.



Fotografia 16 - ENFERMEIRAS ESCRIVENDO CARTAS - ACERVO Prof.^a MARGARIDA BERNARDES

Etimologicamente, a palavra *crônica* remete ao termo grego *Kronos* que significa tempo. Segundo o dicionário Morais, a crônica é a história escrita conforme a ordem do tempo; de modo que os fatos narrados se referem diretamente a este. Diferentemente da história, os fatos não são estudados para se estabelecer entre estas causas e consequências, mas simplesmente para narrar. Na crônica, o tempo é o centro da narração dos fatos, mas estes não são narrados tal como aconteceram, mas tal como o cronista os recorda. Ao transformar fatos em matéria narrada, o cronista ressignifica os acontecimentos de acordo com as impressões que obteve destes.

Clarice determina que sua atividade se destina ao objetivo comum dos cronistas: dar a um fato corriqueiro uma interpretação não-convencional. A ausência de alguns temas importantes num conturbado período da história mundial faz com que a autora seja

considerada “não-engajada” e centrada apenas em seu universo interior. A crônica que se segue é significativa neste sentido:

Vietcong

Um de meus filhos me diz: “Por que é que você às vezes escreve sobre assuntos pessoais?” Respondi-lhe que, em primeiro lugar, nunca toquei, realmente, em assuntos pessoais, sou até uma pessoa muito secreta. E mesmo com os amigos só vou até um certo ponto. É fatal, numa coluna que aparece todos os sábados, terminar sem querer comentando as repercussões em nós de nossa vida diária e de nossa vida estranha. Já falei com um cronista célebre a este respeito, me queixando eu mesma de estar sendo muito pessoal, quando em 11 livros publicados não entrei como personagem. Ele disse que na crônica não havia escapatória. Meu filho, então, disse: “Por que você não escreve sobre vietcong?” Sentime pequena e humilde, pensei: que é que uma mulher fraca como eu pode falar sobre tantas mortes sem sequer glória, guerras que cortam a vida das pessoas em plena juventude, sem falar nos massacres, em nome de quê, afinal? A gente bem sabe porque e fica horrorizada. Respondilhe que deixava os comentários para um Antonio Callado. Mas, de súbito, senti-me impotente, de braços caídos. Pois tudo o que fiz sobre vietcong foi sentir profundamente o massacre e ficar perplexa. E é isso que a maioria de nós faz a respeito: sentir com impotência revolta e tristeza. Essa guerra nos humilha.⁴⁶

Durante o período que Clarice morou em Nápoles, mantém contato com os amigos e correspondentes de guerra, Rubem Braga e Joel Silveira, importantes testemunhas desse conflito através de relatos e crônicas sobre a presença brasileira na Itália. Quando o final da Segunda Guerra foi anunciado, em 9 de maio de 1945, Clarice estava passando uns dias em Roma, sendo pintada pelo artista De Chirico e relata o episódio:

Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: É finita a guerra! Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco eu perguntei

⁴⁶ SOUZA, Thais Torres de. *As crônicas de Clarice Lispector*. São Paulo: USP, 2008.

se ele gostava de ter discípulos. Ele disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte, a

frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não ter mesmo a impressão exata de um alívio.⁴⁷

Rubem Braga e Clarice eram muito amigos e tinham a escrita como ponto em comum. Durante a II Guerra Mundial, Rubem Braga foi correspondente do *Diário Carioca* na Itália e também escreveu crônicas sobre este período. O autor não registra apenas o horror dos campos de batalha, o desespero dos soldados e o nazifascismo, mas também a beleza dos lugares em que passou, a primavera na Itália, as pessoas que conheceu, o sofrimento com a neve e o frio. “Observador sentimental”, como ele próprio se definiu, Rubem Braga nos apresenta relatos extremamente marcantes e belos sobre uma das mais terríveis épocas da humanidade. Entre fevereiro de 1944 e abril de 1945 Rubem Braga escreveu uma série de textos para o jornal *Diário Carioca*, que têm como tema central a II Guerra, seus efeitos no Brasil e a participação dos soldados brasileiros nos combates na Itália. Esses textos são divididos em duas fases: os produzidos entre fevereiro e junho de 1944, quando Braga manteve a coluna Ordem do Dia, e os feitos na Itália, quando o escritor atua como correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira, escritos esses que deram origem ao livro *Com a FEB na Itália*. Atenção especial foi dada ao modo como o cronista constrói a intimidade com o leitor nesses dois períodos.

A função de Braga na Itália não era a de organizar fatos ou articular informações diferentes para apresentar um novo ponto de vista ao leitor. Ele era a fonte de informações, ainda que bastante peculiar, como indica o prólogo publicado pelo *Diário Carioca* junto ao primeiro texto enviado pelo cronista:

A seguir publicamos a primeira de uma série de crônicas diárias que o nosso correspondente especial junto à FEB, Rubem Braga, nos enviou como ponto de partida de suas atividades nessa função. Elas darão, como se vê nesta primeira, uma visão particularíssima dos

⁴⁷ Ibid., p.73

acontecimentos que marcam a vida de cada dia dos nossos rapazes enviados à luta pela liberdade. O espírito e a sensibilidade do grande cronista estarão presentes no campo de batalha. O lado de dentro, o

elemento humano que as notícias não contam, virá intacto nas crônicas de Rubem Braga.⁴⁸

E o curioso é que a edição do jornal tenha frisado que o cronista destacará "o elemento humano", porque, embora o lirismo e a subjetividade sejam constantes nos textos, em vários momentos o estilo do escritor se aproxima do jornalístico: frases curtas e diretas, discursos indiretos como fulano disse que..., a identificação do entrevistado aparecendo antes de seu nome: "O comandante americano, tenentecoronel Mc Nair, declarou que tem transportado muita tropa nesta guerra e até agora não transportou nenhuma tão limpa e disciplinada como a nossa."⁴⁹

Outra marca do estilo jornalístico está nas descrições constantes, seja de uma metralhadora, seja de uma ruína, ou mesmo de uma região. Predomina, frequentemente, o tempo verbal que talvez melhor acompanhe o tom de registro — o presente:

O canhão está no meio da barraca, sempre muito limpo e bem tratado como um deus. (...) A um canto, a munição, com seu belo metal dourado. Ao lado, uma porta estreita, com um abrigo cujas paredes e tetos são de toras de pinheiros. Ali há dois telefones, uma cadeira, uma pequena mesa, e cama para os 10 homens.⁵⁰

Essa descrição tendendo ao pormenor sem, no entanto, enfadar o leitor, é um dos artifícios de que o escritor lança mão para familiarizar ou aproximar seu público carioca dos acontecimentos da Itália. Diante da necessidade de se fazer compreendido e da

⁴⁸ SANTOS, Ricardo Luís Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

⁴⁹ SANTOS, Ricardo Luís Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

⁵⁰ Ibid.

obrigação de cativar os leitores, enquanto compradores de um jornal, fundamentais para a manutenção da empresa *Diário Carioca*, que paga o salário do correspondente de guerra, o cronista/jornalista se empenha em reconstruir para seu público a rotina dos Pracinhas. Lança-se na tarefa de retratar o dia-a-dia da guerra, tomá-lo, até onde é possível, familiar a seu leitor da cidade, que enfrenta um cotidiano de filas, repartições, vizinhos, apartamentos, solidão.

Para essa familiarização, Rubem Braga utiliza frequentemente, além das descrições, paralelos entre os acontecimentos no sul da Itália e aspectos do universo de conhecimento de seu público brasileiro:

Um quilo de pão custa 130 liras, e isso quer dizer 26 cruzeiros (...). Um LCI (Landing Craft Infantry) é um barco bem menor que uma barca da Cantareira. Tem o fundo chato e dá para transportar uns 200 homens. Acontece que o Mar Tirreno é bem maior e mais agitado que a Baía de Guanabara. (...) quartos aquecidos, banhos quentes de chuveiro e banheira e colchões excelentes (esses colchões que aqui chamam de materassi, muito melhores que esse tipo americano de que fazem tanta publicidade no Rio.⁵¹

Outras vezes, a tentativa de estabelecer uma intimidade do público com o ramerrão da FEB se dá através de um acompanhamento cronológico-*chronus*-crônica, das atividades dos militares brasileiros:

Às 10 da manhã há inspeção geral dos camarotes e compartimentos (...). As sete e meia os oficiais têm direito a uma sessão de cinema (...). Pelas nove e pouco acaba o cinema e logo depois se apagam as luzes do salão (...). É hora de dormir.⁵⁶

Rubem Braga, bom jornalista que era, também foi o responsável pela foto icônica em que Mark Clark, comandante do 5º Exército Americano, cumprimenta Virgínia. Após

⁵¹ SANTOS, Ricardo Luís Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001. ⁵⁶ Ibid.

a tomada de Monte Castello e as designações da FEB do que seria feito, Virgínia ficou adida na Itália, esperando definição da data de regresso ao país. Partiu da Itália rumo ao Brasil em junho de 1945, depois que todos os doentes saíram, como disse. Ela conta que chegou ao Rio de Janeiro sem dinheiro, o pai pagou o táxi quando ela chegou em casa. Terminada a guerra, de volta ao Brasil, ela se apresentou na Diretoria de Saúde. O general-diretor de saúde não lhe deu a menor atenção. Ele estava escrevendo em seu gabinete e a cumprimentou com a mão esquerda; nem olhou para ela e disse que ela estava

apresentada; que deveria apresentar-se à 3ª Seção pois em breve seria desligada. E foi só o que ele disse... E logo ela foi desligada.

Ao ser licenciada pelo Exército, voltou às suas atividades civis e apresentou-se no Instituto do Mate, onde trabalhou como desenhista, fazendo os rótulos dos produtos, retomando o cargo após ir para a guerra, trabalhando lá até 1950. Criado pelo decreto-lei n. 375, de 13 de abril de 1938, o Instituto Nacional do Mate era uma autarquia vinculada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Transferido para o Ministério da Agricultura, em 17 de janeiro de 1946, nele permaneceu até sua extinção pelo decreto-lei n. 281, de 28 de fevereiro de 1967. Competia-lhe, entre outras atribuições, o incremento e aperfeiçoamento da indústria do mate e a organização de um sistema de crédito e cooperação entre produtores, industriais e exportadores.

Segundo disse Virgínia em entrevistas, as enfermeiras poderiam ter sido mais bem aproveitadas para transmitir os ensinamentos colhidos na guerra; ela não tinha doença nenhuma; tinha era vontade de conversar com os brasileiros, de dizer o que foi e como foi a guerra. Ela só queria isso... Virgínia analisa sua participação na guerra tendo enfrentado bombardeios, enchentes, neve, degelo, incêndios, explosões, vigília, angústia; de tudo foi experimentado na guerra, mas, retornou ao Brasil com a consciência do dever cumprido.

Ela se orgulha de ter sido enfermeira dos pracinhas. Diz que o verdadeiro valor estava neles; que ela estava lá dando apoio e tratando deles, mas sabia que eles tinham muito mais valor do que ela, eles tinham o valor de guerrear. E foi assim que as primeiras oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército e à FEB, tiveram a honra e o privilégio de cuidar de valorosos pracinhas, minorando seu sofrimento e também, como mulheres, sentindo o orgulho de estar presente nesse conflito mundial e propiciando à Pátria dias melhores a serem vividos. O ânimo no Teatro de Operações era tanto que fortalecia o espírito de quem necessitava de assistência moral e especializada, capaz de mitigar as dores do corpo e os males da mente. Guerras não deveriam existir. É claro que se aprende

muito, e, hoje na paz, ela se orgulha de ter estado lá e de ser pioneira dentre as 67 oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército Brasileiro e a FEB. Foi licenciada do Exército, assim como a tropa brasileira que retornou da Itália, pela Portaria número 8411, publicada no Diário Oficial de 23 de junho de 1945.

Em 08 de agosto de 1945, no Boletim nº 31 do Serviço de Saúde do Grupamento da FEB, o Ten. Cel. Gilberto Peixoto, Chefe do Grupo, citando uma das enfermeiras brasileiras pelo seu trabalho, termina com o seguinte trecho: "...tais fatos, que tanto honram a Medicina Militar Brasileira, não podem ficar em silêncio e sinto-me feliz em assiná-los ao Comando, como um exemplo a ser seguido". (Giorgis, 2020, p. 188).

Em 20 de novembro de 1945, licenciadas as enfermeiras da FEB, de acordo com o Aviso nº3.537, a partir desta data, passam a pleitear a materialização de seus serviços prestados na guerra. Em 1950, por força da Lei 1209 de 25 de agosto de 1950, foi incluída na Reserva do Exército; que em seu parágrafo único determinava que as enfermeiras, que gozassem dos benefícios daquele artigo, teriam direito a receberem os vencimentos dos postos em que foram arvoradas desde a data da mobilização até a sua desmobilização. Virgínia obteve o Certificado de Habilitação para o cargo de Escrivã da Prefeitura do Distrito Federal, na Secretaria de Educação e Cultura, e laboratorista no Departamento de Saúde Escolar, trabalhando lá de 1951 permanecendo até 1957. Ainda no ano de 1951, recebeu o Certificado de Aprovação do Concurso Básico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários no Ministério do Trabalho.

Em 01 de janeiro de 1957, através de projeto elaborado e aprovado pela Câmara dos Deputados, foram convocadas para o Serviço Ativo do Exército no posto de 2º Tenente, com acesso até 1º Tenente as enfermeiras da FEB, com permanência assegurada, gozo dos direitos, vantagens e regalias inerentes aos oficiais da Ativa, nos termos da Lei nº 3.160 de 01 de junho de 1957, e Virgínia então voltou ao serviço ativo do Exército como 2º tenente e passou a atuar como enfermeira na Policlínica Central, onde exerceu várias funções em diversas áreas: Clínica de Metabolismo Basal, Laboratório de Pesquisas Clínicas e auxiliar da Clínica de Pediatria. Foi responsável pela aplicação da vacina Salk e chefiou o Serviço de Triagem da unidade de 1957 a 1962, até entrar para a reserva.

Virgínia também teve grande desempenho na Associação de Veteranos da FEB, sendo membro nato do Conselho Deliberativo, onde foi secretária da gestão do Coronel Paulo Ramos e foi administradora do Mausoléu e do Ossuário dos veteranos da FEB, nos

cemitérios do Caju e São João Batista no Rio de Janeiro. Em 1957 foi aluna do curso de Relações Públicas promovido pelo Clube Militar.

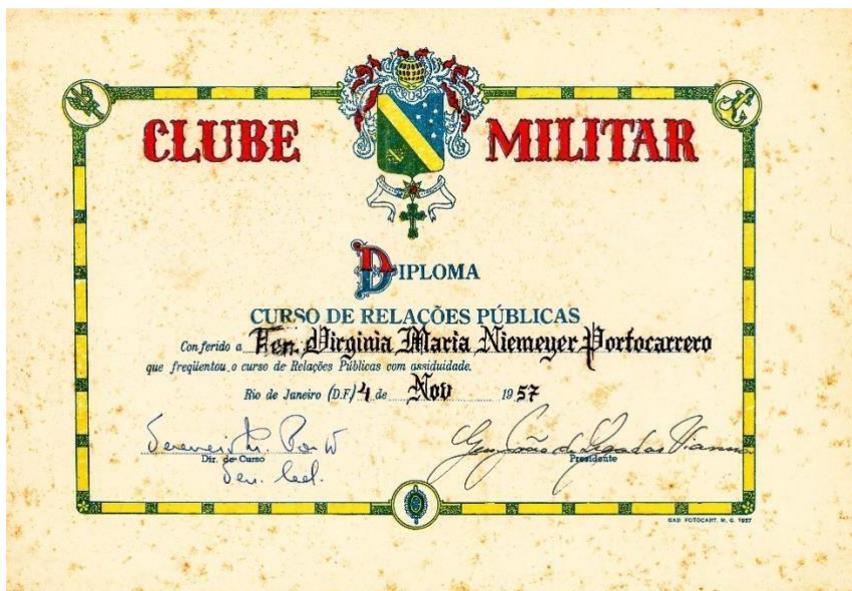


Figura 17 - DIPLOMA DO CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DO CLUBE MILITAR - ACERVO COC FIOCruz

Virgínia foi reformada como Capitão em 1963 e assim encerrou uma das etapas mais importantes da vida em que teve, mais uma vez, o sentimento de dever cumprido por ter servido feliz ao Exército Brasileiro.

2.1 - Força Expedicionária Brasileira (FEB):

A formação e desmobilização da FEB (Força Expedicionária Brasileira) merece destaque de forma cronológica. Em 17 de Junho de 1943, o Exército Brasileiro abre o voluntariado para a composição da FEB através do Dec. Lei 12.628 desta data. Conforme o General Francisco de Paula Cidade, citado pelo Ten. Cel. Raul Simões, a grande maioria dos homens aptos alegou isenção legal para o serviço militar e, assim “...a força expedicionária teve que ser organizada com a juventude pobre do Brasil”. (Giorgis, 2020, p. 47). Conforme o Marechal Mascarenhas de Moraes cita em suas “Memórias”, que o Gen. Dutra, em visita aos EUA referiu-se, em caráter oficial, à intenção do governo brasileiro no sentido de enviar à Europa uma força expedicionária.

Em 9 de agosto de 1943 são traçadas as primeiras normas para a organização da Força Expedicionária Brasileira, pela Portaria-Ministerial 47/44 desta data, publicada no Boletim Reservado do Exército Brasileiro de 13 de agosto de 1943. O General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes é consultado pelo Ministro da Guerra sobre a aceitação do comando de uma das três Divisões Expedicionárias. As demais seriam comandadas pelos generais Newton Cavalcanti e Heitor Borges.

Publicadas as instruções para a organização da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. A FEB (1ª DIE + Órgãos Não-Divisionários) é reforçada com um depósito de recompletamento, com estrutura fixada pela Portaria Ministerial 47/44, desta data. A organização da 1ª DIE foi a seguinte:

- Infantaria: Comando e Estado-Maior da Infantaria Divisionária; 1º Regimento de Infantaria; 6º Regimento de Infantaria; e 11º Regimento de Infantaria.
- Artilharia: Comando e Estado-Maior da Artilharia Divisionária; I Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (ROAR); II Grupo do 1º ROAR; I Grupo do 2º ROAR; e o I Grupo do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta.
- Engenharia: 9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana.
- Cavalaria: Esquadrão de Reconhecimento da Vila Militar, Rio, organizado pelo 2º Regimento Moto-Mecanizado.
- Saúde: 1º Batalhão de Saúde, proveniente das Formações Sanitárias do Rio de Janeiro e São Paulo. Foi organizado em Valença, RJ.
- Elementos de tropa especial: Companhia do Quartel General (Cia do QG)/1ª DIE; Cia de Manutenção; Cia de Intendência; Cia de Transmissões; Pelotão de Polícia; e Banda de Música Divisionária.

A FEB foi constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e pelos “Órgãos Não Divisionários” (OND), que davam suportes diversos às ações da 1ª DIE. Foram aproveitadas unidades já existentes, transformadas algumas e criadas outras. Quando foi examinada a organização das Unidades, surgiram numerosas modificações e muito pouco se pôde aproveitar do que existia. As medidas objetivas e concretas para a organização da FEB só entraram em execução quando convenientemente definido o seu enquadramento. Isto se realizou, principalmente, com a designação do General Mascarenhas de Moraes para organizar e instruir a DIE permanecendo, entretanto, suas

Unidades componentes no âmbito de seus comandos normais. Houve a criação do Pelotão de Polícia da 1ª DIE, depois organizado com a mobilização de policiais voluntários da Guarda Civil de São Paulo. (Giorgis, 2020, p. 50).

Criadas as Chefias do Serviço de Material Bélico, Químico de Guerra, Justiça, Engenharia, Transmissões, Polícia e Serviço Religioso. O efetivo total da 1ª DIE foi de 25.445. Conforme o Ten. Cel. Raul Mattos Simões, em relação à doutrina a ser empregada pela FEB na Itália, o problema consistiu em fazer sair de um maquinismo montado à francesa, uma Força Expedicionária que funcionasse à americana. Outra dificuldade por vencer foi a seleção física do pessoal. (Giorgis, 2020, p.50).

Em 10 de agosto de 1943 o Gen. Div. João Baptista Mascarenhas de Moraes, então Comandante da 2ª Região Militar, é consultado e responde ao General Ministro da Guerra aceitando o convite para comandar uma das DIE. Este comando passou a ser cumulativo com o da FEB como um todo. Em agosto ainda houve a designação do Gen. Osvaldo Cordeiro de Farias para integrar a Artilharia da FEB.

Em 23 de novembro de 1943 em Decreto-Lei Reservado 6018 é criada oficialmente a FEB, inicialmente com três DI e elementos orgânicos do Corpo de Exército, inclusive Aviação e Órgãos de Comando e Serviços. Enquanto não fosse nomeado o Cmt da Força o Min da Guerra tomaria as medidas a ela referentes. E, conforme o Art. 2º, a Força Expedicionária recebia oficialmente a designação abreviada de FEB. (Giorgis, 2020, p. 55).

Em 06 de Dezembro de 1943, o General Comandante da 1ª DIE, chefiando a Comissão Militar Brasileira, segue para a África e para o Teatro de Operações da Itália a fim de estabelecer uma primeira ligação de comando, observar o campo de batalha e tomar contato com os problemas, os mesmos que o impressionaram no transcurso da campanha. Chegada a 08 de dezembro em Dakar. O itinerário da comitiva brasileira foi: Casablanca, Argel, Orã e Nápoles, onde a Comissão chegou a 19 de dezembro.

Através dos Decretos Reservados nº 6.069-A, 6.071-A, 6072-A e 6073-A, todos desta data, foi criada a Tropa Especial da 1ª DIE que dará origem à Polícia do Exército e mais as seguintes unidades, a serem mobilizadas:

- QG e Tropa Especial da 1ª DIE;
- 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª DIE;
- 1º Batalhão de Saúde;
- I Grupo do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (I/1º RAPC);

- 1ª Companhia de Transmissões da 1ª DIE; e
- 2º Regimento de Obuses Auto Rebocado (2º ROAR).

Em 15 de dezembro, através do Decreto nº 6097, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército no Serviço de Saúde. Foram todas voluntárias. Na mesma data, o Decreto nº 14.257 aprova o Regulamento para o Quadro de Enfermeiras e prevê o acesso até a 1ª classe.

Em 18 de dezembro foi a criação do 1º Grupo de Aviação de Caça pelo DecretoLei nº 6.123 sob o comando do Ten. Cel. Nero Moura, para atuar na Itália em proveito da FEB. Já em 20 de dezembro houve a visita da comitiva brasileira ao QG do Comando Aliado do Teatro de Operações do Mediterrâneo em Argel, Argélia e, em seguida, Caserta, região de Nápoles, ao QG do Gen. Mark Clark, Comandante do V Exército Aliado. Neste mesmo período, o Gen. Mascarenhas visitou a frente de combate no rio Garigliano e presenciou duelos de artilharia. (Giorgis, 2020, p. 57). Em 21 de dezembro, em Nápoles, o Gen. Mark Clark ofereceu um jantar à comitiva brasileira. (Idem, p. 57). A chegada de volta ao Brasil se deu em Natal a 26 de dezembro. Houve a publicação da Diretiva Geral para a instrução da 1ª DIE, expedida pelo comando da Divisão no dia 27. A nomeação oficial do Gen. Div. João Baptista Mascarenhas de Moraes para Comandante da 1ª DIE aconteceu em 28 de dezembro, cumulativamente com o comando da FEB. São nomeados, respectivamente, comandantes da Infantaria e Artilharia da 1ª DIE os generais de brigada Euclides Zenóbio da Costa e Álcio Souto. Assim então as Unidades da FEB ficam subordinadas ao comandante da mesma para fins de instrução, disciplina e organização. Para administração e disciplina as mesmas ficam subordinadas aos comandantes das Regiões Militares.

Em 16 de Julho de 1944 por volta das 7h, chega a Nápoles o navio Gen. Mann conduzindo o 1º Escalão. O desembarque começou às 13h, sendo concluído às 15:40 h. Em seguida foi feito deslocamento ferroviário para Agnaro, a 25 Km. Uma parte do efetivo seguiu a pé. Um pequeno grupo de enfermeiras já estava instalado em Nápoles, quando chegou o 1º Grupamento da FEB. Em número de 67, as enfermeiras foram seguindo para o front em pequenos grupos, por via aérea. Em outubro de 1944, embarcou o último grupo composto de 33 enfermeiras, muitas vindas de diferentes regiões do Serviço de Saúde do Exército. (Giorgis, 2020, p.75). O Serviço de Saúde da FEB foi composto de cerca de 1.390 pessoas, dentre os quais 176 médicos de formação eclética,

cirurgiões, anestesistas, ortopedistas, dentistas e outras especialidades; muitos voluntários como o Dr. Alípio Correia Neto, célebre em sua época. Além destes, farmacêuticos, padoleiros e as 67 enfermeiras oriundas de várias partes do Brasil, compondo o grupamento feminino da FEB e mais seis delas nos quadros do Grupo da Força Aérea Brasileira (FAB). As enfermeiras ficaram impressionadas pelo aspecto da cidade destruída, a situação calamitosa da cidade, miséria e pobreza, povo desguarnecido de qualquer moral ou ética. (Giorgis, 2020, p.107).

Em 21 de Fevereiro de 1945, houve a Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI - Regimento Sampaio, do II/11º RI (Maj. Ramagem), toda a Art./1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esq. Rec. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Cel. Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros “prosseguiam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio, o que assinalaria o término da 1ª fase”. (Giorgis, 2020, p. 138).

A conquista de Montese caracterizou-se como a mais cruenta batalha na qual a FEB e onde foi decisiva a atuação dos comandantes de pequenas frações, particularmente comandantes de Pelotão de Fuzileiro e de Grupo de Combate (GC). As tropas em contato na frente do V Ex. no setor da 1ª DIE em março/abril 1945 eram: inimigas – 232ª DI em Favulo; 114ª DI Ligeira em Montese; 334ª DI em Castel D'Aiano; 94ª DI e 90ª DI Panzer em reserva em Trapola ao norte de Vergato; e as amigas: 371º RI, frente à 232ª DI; 1ª DIE (FEB) frente à 114ª DI Lig.; 10ª Div. Mth ao Sul de Castel D'Aiano, frente à 334ª DI; e 1º DIBld ao Sul de Vergato. As missões da 1ª DIE e da 10ª Div. Mth eram "Atacar para romper o dispositivo inimigo a oeste da Rv. 64, na frente da 114ª DI Ligeira alemã na região de Montese, com a 1ª DIE e o 371º RI; fixar e manter as atuais posições na frente da 232ª DI inimiga. Após a conquista de Montese, prosseguir na direção da 10ª Div. Mth. A 10ª Div. Mth atacar para conquistar a localidade de Castel d'Aiano e prosseguir para a região de Trapola". As possibilidades do inimigo eram de "defender fortemente o triângulo balizado pelas alturas de Montese, Cota 888 e Montello e intervir no combate com carros de combate da 90ª DI Panzer". As Forças Aliadas, após terem rompido a Linha Gótica, com a tomada de Monte Castelo, balizada pela cadeia de montanha dos Apeninos, estabeleceram que o próximo passo seria atingir o vale do Rio Pó. (Giorgis, 2020, p. 156).

Em 6 de junho de 1945, chega à localidade de Francolise o 9º Batalhão de Engenharia a fim de preparar o estacionamento. O Ministro da Guerra determina que as unidades da

FEB passem a ser subordinadas ao comandante da 1ª Região Militar o que, na prática, significou a dissolução do contingente e assim o início do deslocamento da Divisão, em escalões, para Francolise. Assim em 11 de junho em Aviso Reservado, o Ministério da Guerra determina que: “Não obstante reconhecer o interesse do público, fica proibido, por motivo de interesse militar, aos oficiais e praças da FEB fazer declarações ou conceder entrevistas sem autorização do Ministério da Guerra”. (Giorgis, 2020, p.183).

O Gen. Mascarenhas determina a publicação no Boletim Interno nº 21 de uma Proclamação elogiosa à Imprensa e aos Correspondentes de Guerra que trabalharam junto à FEB em 17 de junho. O 1º RI é deslocado de Piacenza para Nápoles, passando a aguardar embarque de regresso ao Brasil, o que acontecerá em 12 de agosto. Foram 56 dias de espera. Em 20 de Junho de 1945 termina a missão de ocupação. O último elemento de ocupação deixa a área antes destinada à FEB neste dia. Termina a concentração da FEB em Francolise, aguardando o embarque para o Brasil.

Em 6 de julho de 1945, embarca na Itália, de regresso ao Brasil, por via aérea, o comandante da FEB acompanhado por quatro oficiais. O avião decolou às 09:45 h com escalas previstas para Orã, Casablanca e Dakar. (Giorgis, 2020, p. 185). Parte de Nápoles o navio General Meiggs conduzindo o Escalão nº 1, composto pelo 6º RI, o II Grupo de Art., uma Cia Eng., parte da Cia de Transmissões, um Pelotão da PE e um Pelotão do Esq. Rec. Total de 4.931 homens. A tropa brasileira viajou sob o comando do Gen. Brigada Euclides Zenóbio da Costa. É modificada a denominação de “Primeiro Escalão da FEB” para “FEB”. Portanto todo o período de combates na Itália foi executado pelo Primeiro Escalão, somente nesta data “transformado em “Força Expedicionária Brasileira”. (idem, p. 185). O Ministro da Guerra, pelo Aviso 2.175, determina que as unidades da FEB sejam desmobilizadas e passem a ser subordinadas ao Comando da 1ª Região Militar a partir das suas chegadas ao Rio de Janeiro. Começa a desincorporação dos convocados e a destinação das unidades para suas guarnições de origem. Proíbe a organização de grupos de veteranos. Por este Aviso Ministerial fica formalmente dissolvida a FEB/1ª DIE.

Em trabalho sobre o processo de reintegração social dos veteranos da FEB, o historiador Francisco Cesar Alves Ferraz, chama a atenção para a diferença entre a dissolução e a desmobilização da FEB:

“A dissolução da unidade combatente é uma fase da desmobilização. Foi possível dissolver a DIE/FEB, isto é, a estrutura da FEB para a luta no TO da

Itália, e manter os homens mobilizados, pois o que determinava a desmobilização de cada expedicionário é o fato de deixar de estar à disposição do Estado, ser vestido e alimentado por ele, estar sob sua responsabilidade e ficar submetido aos seus regulamentos de direitos e deveres. Dessa forma, os expedicionários que retornaram ao país, e ficaram alguns dias à espera do licenciamento, estavam ainda mobilizados, pelo menos até o licenciamento”.

(<http://bibliotecadigital.fgv.br/> - apud FERRAZ, 2002: 126, ou FERRAZ, 2012, p. 91).

A Portaria nº 8.458 foi expedida em 7 de julho de 1945 regulando o licenciamento de oficiais da reserva convocados para a FEB.

CAPÍTULO 3: O “Diário de Guerra” de Virgínia Portocarrero

O “Diário de Guerra” de Virgínia Portocarrero são as cartas escritas por Virgínia para seu pai no decorrer da II Guerra Mundial. Essa correspondência nos traz a realidade dos fatos ocorridos durante a guerra sob o olhar de Virgínia, uma moça com 27 anos, de família militar, o que torna a visão crítica de Virgínia sob uma perspectiva formada por seus pais e seus valores. Nas cartas percebe-se a menina Virgínia criada sob uma redoma de cuidados e ao mesmo tempo a mulher independente, capaz de lutar por seus ideais longe da família, e o quanto ela amadureceu no dia a dia dos hospitais e com o sofrimento dos doentes que ela sempre tratou com amorosidade, visto a forma como ela se referia a eles nas cartas.

Teresa Malatian no texto *Cartas-Narrador, registro e arquivo*⁵² sugere analisar as cartas como fontes pois, requisita do historiador a metodologia de crítica documental que é normalmente usada em toda documentação escrita. Sobre essa dimensão da escrita de si, as informações nelas contidas serão sempre versões individuais ou coletivamente construídas sobre determinados acontecimentos vividos pelo narrador ou dos quais o mesmo se inteirou de diversas formas. Depois de se eleger um correspondente principal como objeto de estudo, a confrontação levaria o historiador a um triângulo, estudando os indivíduos em contato e suas relações numa dada unidade temporal.

Ainda que as cartas sejam dotadas de grande potencial expressivo, vale aqui a mesma regra de método usualmente empregada na historiografia: nenhum documento pode iluminar por si só um tema. A confrontação

⁵² Ibid., p. 204-205.

com outros documentos se impõe, abrindo ao historiador novas perspectivas e novos ângulos de compreensão. Tal procedimento também evita a ilusão de que o material obtido nas correspondências constitui verdade bruta e inexplorada, confiável uma vez garantida sua “espontaneidade” e, portanto, sua “veracidade”.⁵³

Teresa Malatian relata que as cartas de família se sobressaem entre outras correspondências pois, para o historiador, elas são muito ricas de informações para estudos biográficos e do cotidiano. A análise dos processos de elaboração desses documentos são inúmeros. Podemos usufruir da motivação de sua escrita, das condições de sua produção, sua circulação e recepção como por exemplo as maneiras de ler, gestos de conservação, regras de trocas, formas materiais de suporte, formas de linguagem e a lógica dos procedimentos que resultam na organização arquivística. É possível analisar as cartas pesquisando o *habitus* que rege conteúdos e práticas. Analisá-las como parte de uma dada cultura, como o dos alemães na IIGM por exemplo, também significa compreender as redes de relações e as estratégias de identificação empregadas pelos membros de uma família para, por exemplo, mantê-la unida, ainda mais durante uma guerra.

Nestas cartas há peculiaridade como a tipologia dos personagens, como por exemplo soldados que partiram para a guerra, detalhes da vida militar, da hierarquia e suas implicações principalmente para as enfermeiras. Outro detalhe importante são os papéis familiares desempenhados por quem troca as correspondências, que constituem referências segundo geração, sexo e situação econômica. Nas cartas, a temporalidade está dividida entre os “tempos fortes” (festas natalinas, de Reveillon, aniversários, casamentos, falecimentos).

A utilização de códigos de sociabilidade que implicam no controle de si, ocorreu desde a primeira metade do século XIX, acompanhando a construção da dimensão privada da vida burguesa, quando a virtude doméstica tornou-se o centro da sociabilidade e se estabeleceram controles estritos sobre a divulgação de zonas inéditas do eu, de acordo com historiadora Michelle Perrot⁵⁴. Este controle também delimita a expansão das trocas

⁵³ MALATIAN, Teresa. Cartas - Narrador, registro e arquivo, p. 205. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

⁵⁴ PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

de cartas. Bem como diários e autobiografias, estas também expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade, como podemos observar nas cartas de

Virgínia para o pai. Nelas um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o que aconteceu no dia a dia durante a guerra.

O ato de escrever cartas a familiares reuniu indivíduos ansiosos por receber notícias dizíveis e apenas fazer supor as indizíveis. Criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância. Mas continha todo diálogo, silêncio, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições. As reações provocadas por oscilações no fluxo de cartas são bem visíveis nas linhas irritadas, decepcionadas ou angustiadas dos correspondentes.

Na educação formal nas escolas, a arte de escrever cartas tornou-se objeto da educação, porém a codificação do gênero epistolar é antiga. Como exemplo disso, temos as cartas escritas por Cícero (106 a.e.c. – 43 a.e.c.) como grande modelo de concisão, simplicidade e clareza, que testemunham de modo excepcional a vida pública e privada do filósofo, orador e político romano. Os manuais da arte epistolar editados em Portugal são outro exemplo a ser lembrado, pois estabeleciam os temas a serem abordados de acordo com o correspondente e seu grau de proximidade e intimidade, os cuidados com a preservação de sigilos e mesmo das próprias cartas; que poderiam ser guardadas ou destruídas após a leitura por sugestão ou solicitação do remetente, temeroso de ver revelado seu eu além do desejado, chegando a usar pseudônimos, cifras e códigos para despistar a censura. Este “código” para censura foi bem esquematizado pelo pai de Virgínia quando pediu que ela enviasse as cartas pelos doentes que viessem baixados para o HCE (Hospital Central do Exército) e não pelos correios, justamente para tentar fugir dessa censura.

Já o suporte de material como papéis, penas e tintas dependiam do que se dispunha durante a guerra. Virgínia levou um bloquinho de papel para poder escrever para seu pai, mas depois usou o papel que tinha no momento de escrever suas cartas assim como a caneta para poder escrever. A indústria da carta desenvolveu-se desde o século XIX diversificando os papéis utilizados, em seus inúmeros tipos, formato e cores, aos quais se adicionavam o requinte dos monogramas ou timbres, que de um lance de vista permitiam

a identificação de sua procedência e constituíam sinais de distinção. A utilização de tarja negra para situação de luto, de ilustrações em ocasiões festivas ou memoráveis, a exposição de papéis de luxo de linho, o recurso a simples folhas arrancadas de cadernos ou retalhos de papéis de embrulho indicam as circunstâncias em que as cartas foram escritas, regulando a troca de informações e ordenando as relações sociais entre os correspondentes. O grupo no qual a carta se originou e o outro ao qual se destinava, sua circulação, seu território social, podem ser evidenciados por estes detalhes, entre eles o primeiro e mais evidente, o envelope carregado de informações que por si só já são elementos para análise. Não raro, as informações eram acrescidas de fotos, recortes de jornais, flores secas, mechas de cabelo e tantos outros objetos da *memorabilia*, fragmentos do vivido materializados e oferecidos em relicário ao correspondente. Objetos esses que davam a noção exata do que estava acontecendo com Virgínia e ao redor dela durante a guerra.

As cartas sempre suscitaram em seus autores ou destinatários sentimentos ambivalentes de desejo de preservação de informações que eram reveladoras da verdade fugaz de um determinado momento perdido após a composição das cartas. Mas um interesse mais poderoso de preservação, permitiu que as cartas sobrevivessem silenciosas em arquivos pessoais, cuidadosamente guardadas devido ao desejo de salvar vestígios do ocorrido e vivenciado assim como Virgínia o fez.

O historiador, ao ter acesso a esses fragmentos, espia por uma fresta a vida dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. Processo identitário que se define e redefine constantemente e destrói qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos ou opiniões.

As cartas expressam dimensões culturais do sujeito, que poderiam ser chamadas de momento biográfico. Cada indivíduo participa de diferentes “esquemas de ação e de pensamento que possuem seus modos de tradução simbólica e constituem sistemas referenciais valorizados.”⁵⁵ Família, vizinhança. Cidade, local de trabalho são algumas das pertencas culturais interiorizadas ao longo da história de uma vida. Só que uma

⁵⁵ PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

existência não se desenvolve de maneira linear, contínua, e sim de momentos nos quais experiências organizam-se no espaço-tempo interior construído pelo sujeito e que individualiza um aspecto de sua vida.

Nas cartas, isso ocorre de modo especialmente claro, pois é a configuração do momento biográfico que rege o contar da vida por meio da junção de experiências referidas a tempos e contextos sempre heterogêneos. O que o escritor de cartas parece querer dizer a todo momento, ao apresentar uma “pose” de si mesmo, é simplesmente: “eu estou aqui”. Pose esta continuamente refeita em formas efêmeras e transitórias nas quais a experiência cotidiana, sempre inacabada, aberta ao inesperado, está presente. Neste sentido, a prática da escrita de cartas, por conta dos aspectos relacionais que a caracteriza, instala processos autorreferenciais para além das trocas dinâmicas com o outro, o interlocutor a quem elas se destinam. O domínio da imagem de si é fundamental e a prática epistolar exige, antes de tudo, a credibilidade daquele que recebe a correspondência. Os eventos narrados devem se apresentar como verdadeiros para esse leitor.

Pode-se dizer que as cartas fazem parte de e expressam *habitus*, ou seja, comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade, a partir de Bourdieu⁵⁶. A coerência, a coesão, as ações e as relações facilmente inteligíveis não podem ser buscadas como regra metodológica, nesta individualidade. É necessário que o historiador, selecione *momentos significativos*, principalmente nas conexões que dão coerência à vida de uma pessoa, e assim, construir uma continuidade de atos que são descontínuos, justapostos, imprevistos e aleatórios. Nesse universo aparentemente caótico da experiência humana, o *habitus*, enquanto disposições incorporadas para sentir, pensar e agir, possibilita o ordenamento e a unificação de práticas, ações, comportamentos e representações que convergem para a compreensão do eu, da identidade do sujeito, mas também de uma dada sociedade na qual o indivíduo se movimenta. Duas coisas fazem parte integrante da atividade epistolar, a censura e a autocensura.

⁵⁶ BOURDIER, Pierre. A Ilusão biográfica. Paris, 1996. In.: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

Um empecilho para o pesquisador que poderá decepcioná-lo é a resistência das famílias em entregar o tesouro até então cuidadosamente guardado. No caso de Virgínia, não há esse problema, pois a mesma doou em vida seu diário e todo seu acervo de guerra para Casa de Cultura Oswaldo Cruz. Enquanto há casos felizes de total colaboração entre os detentores das cartas e o historiador, haverá outros em que a proibição do acesso é

justificada com o argumento de que alguém da família ou amigo irá publicar uma biografia ou coletânea de inéditos.

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. (...) Censura e autocensura são parte integrante da atividade epistolar. Será grande a decepção do pesquisador ao se deparar com resistências de familiares em entregar o tesouro até então ciosamente guardado.⁵⁷

Outra particularidade importante é o desejo do controle da memória, de preservação da imagem pública, e a manutenção de segredos que constituem com frequência, obstáculos a serem superados na busca das fontes e se completam com desejos, explícitos ou não, de exaltação memorialística por parte dos detentores dos acervos. Alguns detalhes como, as condições de conservação, o tipo de papel e tinta empregados e a própria caligrafia tornam por vezes a leitura das cartas um desafio para decifração da pesquisa.

Os centros de pesquisas e documentação formados para se encarregar de guardar arquivos pessoais ou privados, como a COC FIOCRUZ, tem facilitado bastante a pesquisa com cartas. As cartas escritas por pessoas com inserção pública destacada são produzidas e conservadas com conhecimento de sua importância enquanto fontes biográficas. Há intenção memorialística consciente que se revela na seleção do que deve ser preservado, no descarte daquilo que não deve ser divulgado e no armazenamento do que será intencionalmente conservado para pesquisas futuras.

O interesse pelas cartas dentro da historiografia veio pela valorização das experiências individuais como objeto de investigação ao invés de apenas considerar como fonte de

⁵⁷ MALATIAN, Teresa. Cartas - Narrador, registro e arquivo, p. 200-201. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

informações. Existem muitas formas de abordagem e utilização, seja como fonte ou como objeto.

De qualquer forma, trata-se de documentos escritos com a preocupação de alcançar um destinatário. Tal preocupação os torna testemunhos de redes de comunicações entre indivíduos, e é o receptor quem possivelmente irá monitorar a

preservação, numa prática de memória implícita ou explícita e seus desdobramentos, atos de escrever, enviar, receber, ler, responder e guardar as cartas.

Dentre as questões que se pode colocar a esse tipo de documentação está a de mapear, nas correspondências trocadas, as redes de sociabilidade nas quais os indivíduos se inserem e os vínculos existentes entre os correspondentes. O mapeamento é o primeiro passo para a compreensão da inserção social do remetente em posições familiares, profissionais, de amizade etc. Completa-o a percepção do volume de cartas a cada um dos componentes e sua distribuição temporal, sua periodicidade e a regularidade das trocas, cujos resultados permitirão visualizar a rede em pleno funcionamento. Essa primeira abordagem já evidencia o caráter fragmentário e disperso das correspondências e as dificuldades em reuni-las, a não ser que alguma iniciativa já tenha sido tomada nessa direção por pesquisadores, arquivistas ou familiares. Essa dificuldade é proporcional à relevância social, política ou cultural do correspondente em pauta.

No caso das cartas de Virgínia para seu pai, como foi combinado entre eles, antes dela partir para a guerra, estas seriam cartas escritas como páginas de um diário no qual Virgínia pudesse relatar o dia a dia do que acontecia nos hospitais e tudo ao seu redor e enviadas pelos doentes baixados para o Hospital Central do Exército no Brasil. Tito Portocarrero teve o cuidado de guardar essas cartas na íntegra para posteriormente reunilas na forma de um diário de guerra para que Virgínia quando voltasse tivesse esses relatos preservados.

Como é o historiador quem decide o que irá buscar nesses documentos, fazendo deles fontes ou objeto de história em qualquer área, seja da literatura, da educação, da cultura, incluindo estudo de práticas de leitura e escrita, questões de gênero, preocupações intelectuais ou o registro de fatos históricos propriamente ditos. Na qualidade de historiadora, decidi pela análise das correspondências como objeto, e levar em conta o caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade de Virgínia, buscar a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em

termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais pertinentes às regiões onde acontecia a guerra. As cartas de Virgínia nos trazem muito da cultura local e do que acontecia ao redor dos hospitais de campanha. Virgínia também queria mostrar que absorveu muito bem o *Habitus Militar* que foi forjando seu caráter pela própria família e pelo seu pai desde sempre mas também na sua vida profissional através do treinamento militar que ela recebeu no CEERE antes de ir para a guerra.

A análise das cartas segue o quadro abaixo:

DATA	CONTEÚDO DAS CARTAS
22.07.1944	Carta de Virgínia do primeiro dia de folga após chegar a Itália relatando os fatos ocorridos.
10.08.1944	Carta de Virgínia relatando ter feito cirurgia de apendicite às pressas pois o apêndice estava supurado e, como os dias posteriores transcorreram.
Sem data	Carta de Virgínia relatando atendimento a um ferido com carinho e dedicação assim como o fazia com todos os feridos, fossem eles brasileiros, aliados ou inimigos.
10.12.1944	Carta de Virgínia para o pai relatando as informações sobre o hospital em que ela estava, que já era o 8º e, ainda assuntos de família. A forma como ela se refere ao pai com carinho e respeito denota o grande amor e devoção que ela tem pelo pai. Os assuntos tratados sobre acontecimentos na família são relatados. Ela pergunta sobre o irmão Cyrano e ainda relata o valor de escambo do dinheiro na guerra e como isso era feito, através de troca de cigarros e chocolate pelo que fosse necessário na enfermaria.
27.12.1944	Carta com relato de Virgínia para o pai descrevendo o Natal com detalhes, desde a decoração na enfermaria e na tenda, que ela mesma fez usando seus dotes de decoradora na Guerra. Virgínia além de narrar sobre os sentimentos de saudade da família pois era a primeira vez que ela passava o Natal longe da família estando numa guerra, ainda se refere aos soldados com amor e carinho como se fossem seus irmãos.

31.12.1944	Carta com descrição do Reveillon em que Virgínia passou de plantão com seus pacientes que ela carinhosamente chamava de doentinhos. Faz referências da encomenda do pai para ela que seu primo Maurício (que era o responsável pelo Depósito de Pessoal em Stáfoli) não entregou, além do relato do sentimento de perda pelo maior amigo na guerra, o Major Ernestino, que era médico e também era amigo de seu pai e era em quem Virgínia depositava mais confiava pois o conhecia de longa data através de seu pai. A tristeza dela é transparecida na carta pois ele seria transferido. Ele a presenteou com um porta-retrato para ela colocar a fotografia de seu pai.
	Virgínia também faz referência a aplicação da PENICILINA que era o único antibiótico existente naquela época. Relata a compra de uma boneca e aí nota-se a diferença entre a mulher madura que foi para a guerra ajudar seus compatriotas e a menina Virgínia com desejos infantis. Ela conta ainda as decepções com uma colega e como seus pais devem se orgulhar da criação que deram para ela.

Cartas de Virgínia transcritas na íntegra:

BR RJ COC V P 01.01.005

22-VII-44

Meus papaezinhos queridos

É com o coração cheio de saudades eu escrevo hoje para vocês.

Hoje é a minha primeira folga de serviço, escolhi o sábado para isto por ser o meu dia mais simpático.

Tenho trabalhado bastante e isto me faz muito feliz, pois sinto um orgulho imenso de poder cooperar nesta nobre causa e de servir ao meu Brasil.

Trabalho, entretanto, num horário e me sinto perfeitamente em forma, durmo e como muito bem.

Sei que não preciso frisar e que continuem sossegados sob o ponto de vista de ambiente.

Tenho sido tratada com a maior deferência pelos nossos oficiais e também pelos americanos.

Procuo me retrair o máximo do ambiente americano nas horas de folga para que continuem mais tendo para comigo a mesma atitude...

22.7.44

VIA AÉREA

CRUZEIRO DO SUL

Meus papai e irmãos queridos

É com o coração cheio de saudades que escrevo hoje para vocês.

Hoje é a minha primeira folga de serviço, escolhi o sábado para isto por ser o meu dia mais simpático.

Estou trabalhando bastante e isto me faz muito feliz, pois sinto um orgulho imenso de poder cooperar nesta nobre causa e de servir ao meu Brasil.

Trabalho entretanto muito horário e me sinto perfeitamente em forma, educado e como muito bem sabe, abençoado. Sei que não preciso frisar que continuo protegidos sob o ponto de vista de ambiente. Estou sendo tratado com a maior deferência pelos nossos oficiais e também pelos americanos.

Procuro me retrair o máximo do ambiente americano nas horas de folga para que continuem sanando o espírito para comigo a mesma atitude

Meus adorados papaezinhos

Envio para vocês o meu mais saudoso beijinho.

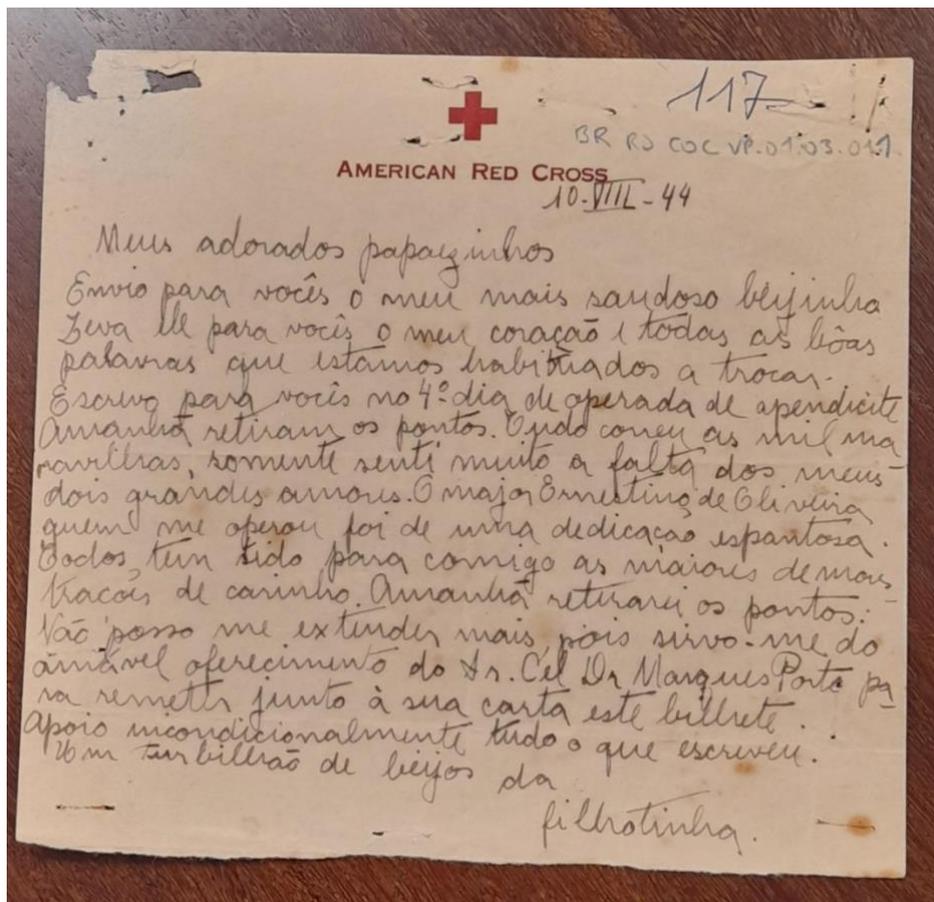
Leva ele para vocês o meu coração e todas as boas palavras que estamos habituados a trocar.

Escrevo para vocês no 4º dia de operada de apendicite. Amanhã retiram os pontos. Tudo ocorreu as mil maravilhas, somente senti muito a falta dos meus dois grandes amores. O major Ernestino de Oliveira quem me operou foi de uma dedicação espantosa. Todos tem tido para comigo as maiores demonstrações de carinho. Amanhã retirarei os pontos. Não posso me estender mais pois sirvo-me do amável oferecimento do Sr. Cel. Dr. Marques Porto para remeter junto à sua carta este bilhete.

Apoio incondicionalmente tudo o que escreveu. Um

turbilhão de beijos da

filhotinha.



Carta de Virgínia sem data, apenas com o código da COC FIOCRUZ.

Ao atender um ferido brasileiro grandes eram as minhas emoções como brasileira e como mulher.

A enf. em face dos q. sofrem torna-se um pouco mãe.

Longe da pátria, então, esse sentimento maternal se acentua.

No campo de batalha, o socorro da enf., o carinho da mãe e com o coração de mulher, doamos o máximo de nós mesmas aqueles heróis que nos chegam feridos.



15713 COV VP 01.03.049 F 304
PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA GERAL DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA
SERVIÇO DE EXPEDIENTE

Ao atender um ferido brasileiro grande, eram as minhas emoções como brasileira e como mulher. A enf. em face dos q. sofrem torna-se um pouco mãe. Longe da pátria, então, esse sentimento maternal se acentua. No campo de batalha, o socorro da enf., o carinho da mãe e c/o coração de mulher doamos o máximo de nós mesmas aqueles heróis que nos chegavam feridos.

Carta de Virgínia para seu pai em 10 de novembro de 1944.

10 -XII - 944

BR RJ COC VP 01.03.049

Meu painho adorado

Como estou feliz meu Pequeninho querido, recebi 2 cartinhas suas. Elas me encheram a alma.

Fiquei tão contente que chorei de alegria. Ontem adorei porque não recebia e hoje choro de satisfação por receber. Meu amorzinho escreva-me sempre o mais que puder, pois as cartas encurtam as distâncias e ajudam a suportar as saudades.

Meu anjo querido como me envaideço a cada momento de você, como é inteligente meu paizinho querido. Está linda a sua mensagem, fiquei triste por não ouvi-lo pois imagino quão bela seria dita por você que tão bem sabe dizer as coisas. Querido meu não quero que sacrifique a sua saúde para o controle do barco.

Lance mão do que precisar que será motivo de justa satisfação para mim.

As suas palavras meu grande amor vieram me encher de ânimo e agora sabendo que o seu moral continua alevantado mais produzirei.

Continuo na mesma vidinha; já é o 8º hospital porque passo nessa Itália.

Cyrano já deve estar aí com vocês, não é verdade? O cavalinho de bronze saltando que comprei pra ele passou 3 dias submerso nas águas de Pisa. Não estragou entretanto Meu paizinho qualquer coisa que interesse a você mande dizer que terei imenso prazer em adquirir pois quando o dinheiro acaba vale cigarro, chocolate etc.

Vou terminar pois vou pegar o meu pernoite não queria entretanto deixar de dizer algumas palavras hoje a você pela satisfação que me causaram as suas cartas

A filhotinha

10-XII-944

BR RJ COC VP. 01. 03. 049

Meu paiinho adorado

Como estou feliz meu Pequenininho querido, recebi 2
cartinhas suas. Elas me encharam a alma.

Fiquei tão contente que chorei de alegria. Ontem de-
rei porque não recebia e hoje choro de satisfação por
receber. Meu amozinho veria-me sempre o irais
que puder, pois as cartas encurtam as distancias
e ajudam a suportar as saudades.

Meu anjo querido como me envidico a cada mo-
mento de você, como é inteligente meu paizinho
querido. Está linda a sua mensagem, fiquei
triste por não ouvi-lo pois imagino' quão bela
seria dita por você que tão bem sabe dizer
as coisas. Querido meu não quero que sacrifi-
que a sua saúde para o control' do barco.
Lance mão do que precisar, que será motivo
de justa satisfação para mim.

As suas palavras' meu grande amor vieram
me encher de ânimo e agora sabendo que o
seu moral continua levantado mais pro-
duzires.

Continuo na mesma vidinha, já é o 8º hos-
pital porque passo nessa Itália.
Cyano já deve estar aí com vocês, não é ver-
dade? o cavalinho de bronze saltando que comprei
para ele passou 3 dias submerso nas águas de
Pisa. Não estragar entretanto.

Meu paizinho qualquer coisa que interessar
a você mande dizer que terei imenso
prazer em adquirir pois quando o dinheiro
acabar vale cigarro, chocolate etc.

Vou terminar pois vou pegar o meu pernoite
não quero entretanto deixar de dizer algumas
palavras hoje a você pela satisfação que me
causaram as suas cartas a fillotinha.

Meus pãezinhos adorados

As saudades são muitas

Hoje estou radiante. Recebi 16 cartas do Rio. Duas do meu paezinho, 3 da mamãezinha, 1 da vovó linda, 1 da Stella, 1 da Glorinha, 1 da Evangelina, 1 da Yedda, 1 do tia Waldir, 1 do tia Flávio, 1 da Lia (prima) 2 da Sula. A minha alegria foi imensa e amanhã escreverei para essas criaturas queridas que me proporcionaram tantas alegrias.

Passei o natal como em vocês podem imaginar com o coração apertado de saudades. Entretanto a noite fui forçada a comparecer a festa, pois cada um em sorte tinha que dar um presente a outro e entrega-lo a noite.

Além desse presente certo o hospital americano ofereceu 1 presente a cada uma de nós e os brasileiros fizeram o mesmo sendo que oferecemos presentes de mais valor. Cada uma enfeitou a sua enfermaria e ~~houve~~ um concurso. Tirei o prêmio. Também puder, eu decoradora! Os americanos fotografaram e breve sairá nos jornais daí. Todos trabalharam e era uma graça os preparativos na minha enfermaria. Cada doentinho deu o máximo do que poude e a alegria reinou nestes dias. Na porta fiz o emblema do 5º exército e a cobra fumando. A árvore fui eu mesma cortar num castelo que tem no fundo do hospital onde os pinheiros são muitíssimo fiz os enfeites de bolas de algodão colorios na farmácia embrulhei em papel celofane e deram muita graça. A arvore ficou linda pois frutas esquisitas apanhei no mato, dorei, prateeí, enfim fiz mil complicações sem gastar dinheiro A liga brasileira de assistência mandou uns pacotes com presentes. Fiz uns pacotes com celofane botei dentro castanhas, noses, avelãs, amexas, balas etc.

Troquei por cigarros, papel de carta, cachimbos estojos enfim tanto fiz que consegui para os meus meninos que eram 36, 5 presentes para cada um.

Até o presépio que armei ficou mais bonito que o da capela que o padre Noé conseguiu na Matriz.

Foi uma romaria todos os doentes visitaram a enfermaria 3 (papae repare o nº q. me acompanha Fiquei radiante pois via-se estampado nos olhinhos dos meus soldadinhos (que bravos como são estavam verdadeiras creanças)

Pela manhã fiquei bastante comovida com a delicadeza do major Ernestino. Que me deu um porta retrato e escreveu num cartãozinho assim “Srta Virgínia, Para colocar o retrato de seu paezinho” Não acham delicado? como é bom para mim...Armamos em nossa tenda

arvorisinha e colocamos os nossos presentes. Ganhei tanta coisa bonita. Já tenho uma mala cheia de maravilhas que mantarei pelo 1º portador.

Já receberam meu retrato? que tal acharam?

Vou terminar, amanhã depois de escrever para o batalhão que falei no principio escreverei outras para vocês.

Meus queridos beijos para vocês

A filhotinha

Itália 27-XII-944

BR RJ CAC VP.01.03.050-F-1/2

Meus paizinhos adorados
As saudades são muitas.

Hoje estou radiante. Recebi 16 cartas do Rio. Duas do meu paizinho, 3 da minha, 1 da vovó linda, 1 da Stella, 1 da Glorinha, 1 da Evangelina, 1 da Yedda, 1 do tio Waldir, 1 do tio Flávio, 1 da L'ia (prima) 2 da Ayla. A minha alegria foi imensa e amanhã escreverei para essas criaturas queridas que me proporcionaram tantas alegrias.

Passei o natal como bem vocês podem imaginar com o coração apertado de saudades.

Entre tanto à noite fui forçada a comparecer a festa, pois cada um era sorte tinha que dar um presente a outro e entrega-lo à noite. Além desse presente certo o hospital americano ofereceu 1 presente a cada uma de nós e os brasileiros fizeram o mesmo sendo que ofereceram presentes de mais valor.

Cada uma enfeitou a sua enfermaria e houve um concurso. Virei o prêmio. Camburã pudera, eu decoradora! Os americanos fotografaram e breve sairá certamente nos jornais daí. Todos trabalharam e era uma graça os preparativos na minha enfermaria. Cada doentinho deu o máximo do que pode e a alegria reinou nestes dias. Na porta fiz o emblema do 5º exército e a cobra fumando. A árvore foi eu mesma cortar num castelo que tem no fundo do hospital onde os pinheiros são muitíssimos. Fiz os enfeites de bolas de algodão coloridos na farmácia embulhei em papel celofane e ficaram muita graça. A árvore ficou linda pois frutas esquisitas apambei no mato, dorei, mateei,

enfim fiz mil complicacões sem gastar dinheiro
A Liga Brasileira de assistência mandou uns
pacotes com presentes. Fiz uns pacotes com celo
fome botei dentro castanhas, nozes, avelãs, amêndoas,
balas etc.

Esquisei por cigarros, papel de cartas, caiximbo
estojos enfim tanto fiz que consegui para
os meus meninos que eram 36, 5 presentes
para cada um.

Até o presépio que amei ficou mais bonito
do que o da capela que o padre Nô conseguiu na
Matriz.

Foi uma romaria todos os doentes visitaram
a enfermaria 3 (papai repare o n.º q. me acompanha)
Fiquei radiante pois via-se estampado nos olhos
nhos dos meus soldadinhos (que bravos como
são estavam verdadeiras crianças)

Pela manhã fiquei bastante comovida com a
delicadeza do major Ernesto. Que me deu um
porta retrato e escreveu um cartãozinho assim "Santa
Virgínia, Para colocar o retrato de seu paizinho"

Não acham delicado? como é bom para mim...
Arrumamos em nossa tenda uma arvorezinha e
colocamos os nossos presentes. Ganhei tanta coisa bo-
nita. já tenho uma mala cheia de maravilhas
que mandarei pelo 1.º portador.

Já receberam o meu retrato? que tal acharam?
Vou terminar, amanhã depois de escrever para
o batalhão que falei no principio escreverei
outras para vocês.

Meus queridos beijos para vocês
A filhotinha

Carta de Virgínia para seus pais:

Italia 31-XII-944

Meus papaes.

Saudades muitíssimas

Quase meia noite, eu de serviço depois de terminar os meus curativos e graças ao bom Deus todos os meus meninos dormem. sentada na beira da cama de um anesthesiado ora vigiando-lhe o pulso envio o meu pensamento para vocês.

Assim meus dois amores a sua filhinha rompeu o ano de 45. Vocês embora avassalados pela dor da saudade que eu também sinto em profissão devem, se orgulhar deste momento que para mim tem sido tão diverso no outros anos quando juntos trocávamos nossos votos, desejos sinceros e amigos. Em pensamento meus queridos sei que estou todinha com vocês e com meu maninho adorado. Beijo-os tanto e tanto com minha imensa saudade. Felizmente tenho votos e desejos. Interrompi aqui a minha carta pois meu grande amigo major Ernestino veio me chamar para ir até minha tenda onde com as minhas 3 amigas trocamos nossos votos pelos nossos ausentes. Beijeí muito o retrato de vocês todos e retornei o meu serviço para aplicar a penicilina. Hoje aqui estão em festa, porém graças ao meu plantão, fiquei dispensada da mesma.

E só hoje dia 3 continuo está carta principiada ano passado. Estou bem triste pois amanhã o meu maior amigo aqui irá transferido para Nápolis, o nosso major Ernestinho; sinto imensamente o afastamento deste bom amigo, chefe leal, distinto e educado. Competentíssimo cirurgião, enfim sempre me orientou desde que do Rio saí e já o estimo como se fora um parente muito querido. Enfim mudemos de assunto, pois me separei de vocês e vivo desta saudade....

Há dias que estou para escrever porem o tempo me é por demaes escasso. Faço plantão de 15 dias e bastante movimentado o que me cansa por demaes e não sinto coragem de escrever. Responderei entretanto a todos que me escreveram porem com tempo. Expliquem a todos a causa da demora e espero receber o perdão, Cyrano com certeza já está com vocês, não é verdade? e meu Carlos Alberto lindo? Ganho muita coiza do papae Noel? No 1º portador enviarei para vocês algumas festas italianas. Ontem comprei uma linda boneca, é grande e loura, mexe com os olhinhos e diz mamãe. Parece que estou ficando doida, não é? desta idade, comprando boneca? Porem achei tão linda que não resisti. Não sei como fazer quando houver retiradas bruscas. Ela é grande e não cabe na

mala, mas é linda, nunca vi uma mais bonita. Mudando agora de assunto, Maurício nada me entregou do que vocês me mandaram.

Diz ele haver posto em um caxote que ainda não recebeu. Fiquei bem triste pois é tão bom receber as encomendas quando estamos longe. Recebi da Legião brasileira e do Posto da Cruz Vermelha. Também doce de leite que a mamãezinha me mandou. Não dei a Carminha porque esta tem me amargurado os dias. Sinto não poder contar a vocês o que ela tem feito passar. Emfim terei dias em que poderei abrir o meu coração com vocês e contar ponto por ponto os detalhes mais íntimos que comigo se passou. Emfim não se impressionem pois nada me tem atingido e continuo vivendo a vida que vocês souberam e podem tem orgulho de como orientadores e experimentados me guiaram sempre. Eu agradeço a maneira meus queridos como vocês burilaram o meu caráter e assim vivo os meus dias na maior paz de espírito e confiante no meu futuro.

Vim aqui para expalhar o bem com os meus soldados e isto tenho feito. Adquiro assim ótimos amigos e sei me impor no meio deles com dignidade. Muito e muito obrigado, foi o maior legado que vocês me puderam dar. Com os meus mais saudosos beijos

A filha que os adora

Virgínia

Meus papais.

Italia 31-XII-984

Saudades, muitíssimas

Quasi meia noite, eu de serviço depois de terminar os meus curati-
vos e graças ao bom Deus todos os meus meninos dormem,
sentado na beira da cama de um anestesiado ora vigiando-
lhe o pulso envio o meu pensamento para vocês.

Anim meus dois amores a sua fillinha rompeu o ano
de 45. Vocês embora avassalados pela dor da saudade que eu
também sinto em profusão deixo de orgulhar deste momento
que para mim tem sido tão diverso nos outros anos, quando
do junto, trocávamos nossos votos, desejos sinceros e amigos.

Em pensamento meus queridos sei que estão todinha com
vocês e com o meu maninho adorado. Beijo-os tanto e
tanto com a minha imensa saudade. Felizmente tenho
amigos sinceros que pessoalmente me vieram dar os bons
votos e desejos. Interrompi aqui um paquinho a minha carta,
pois o meu grande amigo major Ernestino me veio chamar para
ir até a minha tenda onde com as minhas 3 amigas trocamos
nossos votos pelos nossos ausentes. Beizei muito o retrato de
Vozel aqui estão em festa porém graças ao meu plantão,
fiquei dispensada da mesma.

Essa hoje dia 3 continuo esta carta principiada no ano passan-
do. Estão bem triste pois arranha o meu maior amigo aqui
irá transferido para Nápolis, o nosso major Ernestino, sinto
imensamente o afastamento deste bom amigo, chefe leal,
distinto e educado. Competentíssimo cirurgião, enfim sem
pre me orientou desde que do Rio saí e já o estimo co-
mo se fora um parente muito querido. Enfim, mudei
mos de assunto, pois me separei de vocês e vivo desta
saudade...

Há dias que estou para escrever porém o tempo me é
por demais escasso. Faço plantão de 15 em 15 dias e
bastante movimentado: o que me causa por demais e não
sinto coragem de escrever. Responderei entretanto a to-
dos que me escreveram porém com tempo. Expliquem
a todos a causa da demora e espero receber o perdão.
Cyrano com certeza já está com vocês, não é verdade? e
o meu Carlos Alberto lindo? Também muita coisa do papai
Noel? No 1º portador enviarei para vocês algumas fes-
tas italianas. Ontem comprei uma linda boneca,
é grande e loura, mexe com os olhinhos e
diz mamãe. Parece que estou ficando doida, não é?

curta, idónea, comprando boneca? porém achei tão linda que não resisti. Não sei como fazer quando houver retiradas bruscas. Ela é grande e não cabe na mala, mas é linda, nunca vi uma mais bonita! Mudando agora de assunto! Mande-me nada me entregarem do que vocês me mandaram.

Dizem haver posto em um caixote que ainda não recebeu. Fiquei bem triste pois é tão bom receber as encomendas quando estamos longe. Recebi da Legião Brasileira e do Posto de Cruz Vermelha. Também dei de leite que a mamãezinha me mandou. Não dei a Carminha porque está tão me amargurado os dias. Sinto não poder contar a vocês meus queridos o que ela me tem feito passar. E enfim teris dias em que poderei abrir o meu coração com vocês e contar ponto por ponto os detalhes mais íntimos que comigo se passam.

E enfim não se impressionem pois nada me tem atingido e continuo vivendo a vida que vocês souberam e podem ter orgulho de como orientadores e experimentados me guiaram sempre.

Eu agradeço a maneira meus queridos como vocês brularam o meu carácter e assim vivo os meus dias na maior paz de espírito e confiante no meu futuro.

Vim aqui para expalhar o bem com os meus soldados e isto tenho feito. Adquiro assim ótimos amigos e sei me impor no meio deles com dignidade. Muito e muito obrigado, foi o maior legado que vocês me puderam dar.

Com os meus mais saudosos beijos

A fillinha que os adora

Virginia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi feita a descrição da trajetória de vida e a importância da capitã enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero e das enfermeiras da FEB para a história demonstrando a importância da mulher como personagem principal desde a época em que isso não era comum até os dias de hoje.

A memória das enfermeiras voluntárias da FEB na IIGM, vem ao encontro do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs⁵⁸, quando diz que a memória coletiva é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. É também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo. A memória compartilhada ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado. Ela estende-se até onde pode. Ficou evidenciado nessa pesquisa o quanto Virgínia e as demais enfermeiras enfrentaram os desafios do cotidiano na guerra e adaptaram-se às adversidades dos hospitais, acampamentos, enfermarias e toda a sorte de dificuldade. Desta forma nota-se que, nesse cenário, houve um grande amadurecimento de Virgínia devido as vivências na Itália enfrentando qualquer tipo de obstáculo, o que possibilitou a assimilação de novas culturas e tecnologias, visto que Virgínia era uma jovem frágil, vinda de família militar com vários antepassados militares, o que formou seu caráter e sua personalidade

Houve por parte de Virgínia a preocupação e determinação em preservar as reminiscências do *front* de batalha e do período pós-guerra, numa luta simbólica pelo registro de uma história essencialmente feminina em um cenário absolutamente masculino. Isto foi feito através das cartas que se tornaram seu “Diário de Guerra” descrevendo sua participação no conflito, demonstrando aspectos cotidianos e peculiares de sua atuação profissional como enfermeira da área da saúde, naquele momento dramático da história da humanidade, revelando o universo da guerra a partir do olhar desta enfermeira. Virgínia Portocarrero representa o engajamento de uma mulher em possibilitar a construção de narrativas que ressaltem o papel das mulheres brasileiras na Segunda Guerra Mundial, justamente em um contexto em que as mulheres pouco aparecem, o das guerras.

⁵⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

As cartas são exemplares raros e emblemáticos, especialmente se considerado que os procedimentos que definem o que deve ser perpetuado são derivados de uma seleção, que geralmente tende a privilegiar a memória oficial, domínio de intervenção do poder e das forças de reprodução e de produção de capitais. Além de ideias, os registros de Virgínia possuem o efeito de demonstrar as práticas de uma memória feminina sensível, que trata de cuidado e de socorro, mas também de resistência e vontade de existir e coexistir.

Eu gostaria de transcrever muito mais cartas e analisá-las, porém durante a execução deste trabalho a COC FIOCRUZ passou por dificuldades devido a pandemia e não houve como me fornecer mais material. Durante o ano de 2023, todo o acervo de Virgínia será digitalizado e disponibilizado no site mas até o momento isso ainda não foi concluído.

Enfim está aqui registrado como e porque motivo é tão importante preservar a memória e a história do Brasil por um olhar feminino, neste caso, o de Virgínia!

FONTES

Fundo Virgínia Portocarrero, Casa de Cultura Fundação Oswaldo Cruz.

<http://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/virginia-portocarrero>. Acesso em 20 maio 2020.

Acervo da família - fotos, recortes de jornal, manuscritos.

<http://bibliotecadigital.fgv.br>

Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II – CEDOM.

<https://www.metropoles.com/webstories/poesia-e-vida-100-anos-de-clarice-lispector>.

Acesso em 30 out. 2020.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-30042009-105258/pt-br.php>.

Acesso em 30 out. 2020.

PORTOCARRERO, Virgínia Maria Niemeyer. *Entrevista concedida à Anna Beatriz de Sá Almeida, Laurinda Rosa Maciel e Margarida Maria Rocha Bernardes*. 14 de maio de 2008. FIOCRUZ. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Fundo: Virgínia Portocarrero. Rio de Janeiro.

PORTOCARRERO, Virgínia Maria Niemeyer. *Entrevista concedida à Margarida Maria Rocha Bernardes*. 13 de dezembro de 2001. Comando Militar do Leste. Rio de Janeiro.

<https://youtu.be/Dv4-ZAkj07Y> ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – DOCUMENTÁRIO ACADÊMICO. Acesso em 09 dez 2020.

<https://youtu.be/xfusHHEKzmk> AQUELAS MULHERES DE FARDA. Acesso em 12 maio 2021.

https://youtu.be/MlAKNs_s44g VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER

PORTOCARRERO, ENFERMEIRA DA FEB NA ITÁLIA. Acesso em 13 abril 2021.

<https://youtu.be/jtKeSjGSab8> CENTENÁRIO DE VIRGÍNIA. Acesso em 06 jun. 2020.

<https://youtu.be/4Sj1q2y09Gc> VIRGÍNIA: UMA ENFERMEIRA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL. Acesso em 17 jul. 2020.

<https://youtu.be/-M6sfUkFovs> MULHERES DA FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. PROF. DRA. MARGARIDA R. BERNARDES. Acesso em 20 out 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. A cidade da geografia no Brasil: percursos, crises, superações. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. pp. 42 – 59.
- ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a memória das cidades*. Revista da Faculdade de Letras – Geografia I. Série, Volume XIV, Porto, 1988, pp 77-97.
- ALMEIDA, Carla Maria Carvalho et al. (org). *Exercícios da Micro História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.
- BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- BERNARDES. Margarida Maria Rocha. *Biografia da Capitã Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero*. Relatório Final de pós-doutorado. Programa de Pós-Graduação em Biociência da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO. 5 de abril 2018. Disponível em: <https://youtu.be/jtKeSjGSab8>
- BERNARDES. Margarida Maria Rocha et al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Cultura Oswaldo Cruz/Fiocruz. História, Ciências, Saúde – *Revista Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.29, n.2, pp.531-550, abr.-jun. 2022.
- BETT, Ianko. Do registro de memória ao objeto musealizado: Uma análise dos usos de um diário de guerra de um combatente da Força Expedicionária Brasileira – FEB. In: *XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: UnB, 2017.
- BOURDIER, Pierre. A Ilusão biográfica. Paris, 1996. In.: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, pp.16-35.

CANSANÇÃO, Elza. *Eu estava lá! A epopeia da Força Expedicionária Brasileira através da fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2001.

_____. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1987.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In.: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 56-104.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. 2ª edição. Brasília: Editora da UnB, 1994.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CYTRYNOWICZ, R. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde – Revista Manguinhos*, VII (1): pp.73-91, mar.-jun. 2000.

DEL PRIORE, Mary. DARÓZ, Carlos (orgs.). *A História do Brasil nas Duas Guerras Mundiais*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*, Vol.3, República-Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra/LeYa, 2017.

_____. *Sobreviventes e Guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. *Longa Jornada com a FEB na Itália*. Brasília: Editora EGGCF, 2011.

_____. *Vozes da Guerra*. Rio de Janeiro: Editora BIBLIEX, 2015.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. *O dia a dia da FEB na 2ª Guerra Mundial*. Porto Alegre: Edições Renascença, 2020.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINKS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2.ed. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1970.

LE MOS, Renato. (org.). *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Editora Bom Texto, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, 2ª edição, p.169.

MALATIAN, Teresa. Cartas-Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

MAUAD, Ana Maria e FLAMARION, Ciro Cardoso. História e imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. pp 568-590.

MORAES, Roberto Mascarenhas de. *O Cruzeiro do Sul*, Coleção completa do órgão especial da FEB na Itália — 34 edições. 1ª Ed., Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial/Biblioteca do Exército, 2010.

MOTTA, Aricildes de Moraes. (org.). *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 6. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

NEVES, Luis Felipe da Silva. *A Força Expedicionária Brasileira: uma perspectiva histórica*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: Projeto História. *Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, A B. *Signos do esquecimento: os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra*. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

QUÉTEL, Claude. *As Mulheres na Guerra 1939-1945*, Volume 2. São Paulo, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 455.

ROQUE et al. *Práticas e representações fotográficas do serviço de saúde brasileiro na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019.

ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro: Editora Clube de Autores, 2019.

_____. *A cobra vai filmar*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019.

_____. *Luz, Câmera, Esquecimento - O Brasil na Segunda Guerra Mundial e a Trajetória do filme perdido O Brasileiro João De Souza*. Rio de Janeiro: Editora Academia Militar Terrestre do Brasil, 2021.

RUIZ, J. A. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SANTAELLA, L; NOTH, W. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SCOTT, Joan. História das mulheres. IN. BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SOSA, Derocina. *Imprensa e História*. Rio Grande: Biblos, 2006.

SOUZA, Larissa Velasquez. Memórias da FEB: Uma abordagem de gênero. A inserção de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero na carreira militar. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2012.

SOUZA, Thais Torres de. *As crônicas de Clarice Lispector*. São Paulo: USP, 2008.

TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. Uma estrangeira no mundo – Memórias de Clarice Lispector na Itália. In: *XV Congresso Internacional ABRALIC*. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. A experiência do trabalho de campo no universo da comunicação. *Extraprensa*, Universidade de São Paulo, Ano VIII, nº 14, junho de 2014, p. 19-25.

_____. Cartas de recusa de um editor escritor: a correspondência editorial de Italo Calvino. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém, Pará, 2019.

VALADARES, Altamira Pereira. *Álbum Biográfico das Febianas*. São Paulo: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976.

VELHO, Gilberto. Antropologia e ,cidade. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. pp.36-42.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto história*. Volume 4, 1985.